

O Livro do Amigo e do Amado



Raimundo Lúlio

Raimundo Lúlio, ou Ramon Llul, nasceu em 1232 ou 1235 na ilha de Maiorca (Espanha), que havia sido conquistada aos árabes em 1229 pelo Rei Jaime I. O pai de Lúlio tomou parte nesta conquista, e talvez por isto, aos 14 anos de idade Lúlio foi escolhido para ser pagem do segundo filho do rei, que viria a ser o também rei Jaime II; posteriormente veio a ser o mordomo do mesmo, quando príncipe. Lúlio tinha então uma vida frívola, de muitos envolvimento amorosos, e com 22 anos se casou com Blanca Picany, que lhe deu dois filhos; mas, mesmo casado, ele continuou sua vida de conquistas amorosas, até que, por volta dos 30 anos de idade, se apaixonou por uma genovesa, a Sra. Ambrosia de Castelo.

Lúlio manifestava sua paixão por esta senhora de maneiras extravagantes, até que certo dia ela aceitou encontrar-se com ele, e o convidou para ir ao seu próprio quarto; quando lá chegou, foi friamente recebido por Ambrosia que, no entanto, perguntou-lhe se gostaria de ver os seios que ele tantas vezes enaltecera em seus poemas, ao que ele prontamente respondeu que não havia nada que desejasse mais do que isto. A Sra. Ambrosia então lhe mostrou o peito que estava sendo consumido pelo câncer, enquanto dizia: "Vê, Ramón, vê a fealdade deste corpo que conquistou a tua afeição. Não terias feito melhor em dedicares o teu amor a Jesus Cristo, de quem podes receber um prêmio eterno?"

Este acontecimento foi um grande choque na vida de Raimundo Lúlio, que se recolheu por alguns dias, enquanto tentava escrever poemas de amor lírico, até que teve uma visão de Cristo na cruz, que, a princípio, rejeitou, mas a visão retornou por quatro vezes. Lúlio, com vergonha e remorso, procurou um padre para se confessar, a quem jurou que a partir daquele dia dedicaria sua vida à glória de Deus e à conversão dos infiéis. E, com efeito, ele passou então a uma série interminável de viagens nas quais buscava, junto ao Papa e a reis e príncipes cristãos, apoio para projetos que visavam levar a fé católica aos povos que não a professavam; e viajava também para pregar, ele próprio, sua fé.

Lúlio defendia a idéia de que os divulgadores do cristianismo deveriam aprender as línguas dos infiéis a fim de melhor poderem trabalhar pela sua conversão; conseguiu fundar em Miramar, um dos lugares mais bonitos da ilha de Maiorca, um colégio onde, sob sua direção treze frades estudavam línguas, principalmente o árabe. Durante toda sua vida lutou por estes dois objetivos, fundar escolas de línguas e divulgar a fé católica.

Com quarenta anos de idade Raimundo Lúlio se retira para o monte Randa, próximo a Maiorca, onde parece encontrar as condições ideais para que sua mente seja iluminada por Deus, e percebe a síntese universal - tanto o sistema quanto o método - que posteriormente irá apresentar em seus escritos. Esta experiência lhe valerá depois o título de "Doutor Iluminado" (*Doctor illuminatus*).

A obra por ele escrita é imensa e surpreende a quem dela se aproxima; nela se destaca a *Ars Magna*, que é a base de todo o sistema filosófico e teológico. Com esta obra Lúlio confundia os infiéis e conseguia divulgar a

verdadeira fé cristã. Além de muito escrever, ele ainda traduzia suas obras para outras línguas, sempre buscando atingir outros povos.

Façamos um parêntese nesta suscinta biografia para tratarmos do seguinte assunto: existem textos sobre Alquimia que levam a assinatura de Raimundo Lúlio, mas nem todos pesquisadores aceitam que sejam realmente de sua autoria; um dos motivos para isto é que, em 1311, Lúlio publicou uma lista de suas obras e nela não figura nenhum título de Alquimia. Aqueles que acreditam ter sido ele um alquimista contra-argumentam dizendo que, por motivos religiosos, ele não haveria de querer que esta faceta de seu trabalho fosse divulgada enquanto estivesse vivo.

Vários autores sustentam que Raimundo Lúlio teria efetuado uma transmutação metálica, a pedido do rei Eduardo III, mas isto é falso, porque este rei começou a reinar em 1327 e Lúlio morreu em 1315 ou no início de 1316; aqui também existe controvérsia, porque esta transmutação poderia ter ocorrido perante os reis Eduardo I ou Eduardo II, que precederam a Eduardo III no trono. Por outro lado, o próprio Lúlio afirma na obra *Testamento* que transmutou cinquenta libras de chumbo e mercúrio em ouro. Lúlio teria sido iniciado na Alquimia por volta de 1289 por Arnould de Villeneuve, em Montpellier.

Voltando à vida do "Doutor Iluminado", vale a pena destacar que quando Lúlio resolve se dedicar à divulgação da fé católica, ele estava decidido a dar sua vida por esta causa, o que termina ocorrendo; certa vez ele viaja para Bugia, na Argélia, e grita pelas ruas da cidade que a lei maometana é falsa e que pode provar isto. O grande mufti da cidade, que detinha autoridade religiosa e judiciária, aceita o desafio e os dois travam uma profunda discussão filosófico-teológica, ao final da qual, sem argumentos, termina por decretar a prisão do maiorquino mas proíbe que se atente contra sua vida. Após seis meses na cadeia ele é expulso do país.

Anos mais tarde Lúlio retorna a Bugia, e desta vez a multidão o apedreja e o deixa meio morto na rua, onde é recolhido por genoveses que estavam a caminho da Europa; ele, no entanto, termina por morrer no navio que o levaria de volta a Maiorca, em pleno Mediterrâneo. Em 5 de dezembro de 1611 seus restos mortais passaram por exames médicos necessários ao processo de sua canonização, e estes exames constataram a veracidade do apedrejamento.

Blanquerna e o Livro do amigo e do Amado

O *Livro do amigo e do Amado* é a obra mais conhecida e divulgada de Raimundo Lúlio; é um texto em que, através de poética linguagem, o amor e a devoção transbordam e contagiam o leitor afeito à literatura desta natureza. Às vezes surge alguma dificuldade na compreensão de algum trecho, mas este não é um texto para leitura rápida, e sim para reflexões e meditações lentas.

É possível que o *Livro do amigo e do Amado* tenha sido escrito em Miramar, por volta de 1277. Posteriormente Raimundo Lúlio escreveu a novela *Blanquerna*, e nela inseriu o *Livro do amigo e do Amado*, na época em que o Papa João XXI aprovou o colégio de estudos de línguas orientais que Lúlio

fundou. Este fato, com certeza, trouxe felicidade para a vida do autor e isto contribui para a qualidade e a beleza do texto.

Blanquerna é o personagem central da novela, e vem a ser um ermitão, que já foi papa e renunciou ao papado, e que escreve o Livro do amigo e do Amado atendendo um pedido, conforme se poderá ver na primeira parte do texto.

O livro é composto por 365 pensamentos - um para cada dia do ano - escritos à maneira sufi, ou seja, pensamentos breves e densos, sendo que muitos são em linguagem dialogada. Os diálogos ocorrem entre o amigo e o Amado, que são o homem e a Divindade - poder-se-ia, talvez, dizer também, entre o homem que busca a realização e Aquele que já a atingiu. Não nos estenderemos em considerações sobre o texto, conforme a proposta de nosso trabalho, para que cada leitor possa, segundo sua inspiração, retirar dele o melhor ensinamento.

Agradecimento

Este texto foi publicado originalmente pela *Edições Loyola*, São Paulo, Brasil, em 1989 na *Coleção Unisantos*, em *Textos Medievais*, com o apoio da "Institució de les Lletres Catalanes", do Departamento de Cultura da Generalitat de Catalunya.

A tradução do catalão, bem como a introdução e os estudos que acompanham o texto, foram realizados pelo Prof. Esteve Jaulent, catalão como Raimundo Lúlio, a quem somos profundamente agradecidos pela autorização verbal que nos deu para disponibilizarmos o Livro do amigo e do Amado nesta home-page. Temos certeza que esta generosidade trará muitos frutos, na forma de inspiração para todos que lerem este belo texto. Informações complementares que aqui fornecemos foram obtidas no livro *O Ouro dos Alquimistas*, de Jacques Sadoul (Edições 70 - Coleção Esfinge - Lisboa, Portugal).

O Prof. Esteve Jaulent é presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", cujo site (<http://www.pobox.com/~lulio>) recomendamos aos interessados em obter mais informações sobre a vida e a obra do Doutor Iluminado.

LIVRO DO AMIGO E DO AMADO

Raimundo Lúlio

Sobre a vida que levava o ermitão Blanquerna

Blanquerna costumava levantar-se à meia noite, abria as janelas de sua cela para ver o céu e as estrelas e começava sua oração o mais devotadamente

que podia, de tal modo que toda a sua alma estivesse mergulhada em Deus e seus olhos em lágrimas e prantos. Blanquerna contemplava Deus e chorava longamente até a madrugada. Depois entrava na igreja, tocava para as matinas, e vinha o diácono que o ajuda a rezá-las. Após a aurora, cantava a missa. Terminada a missa, Blanquerna dirigia algumas palavras sobre Deus ao diácono, para que se enamorasse dEle, e ambos, falando de Deus e de suas obras, choravam juntos por causa da grande devoção que sentiam nas palavras que diziam. Depois disto, o diácono entrava na horta, trabalhava um pouco e Blanquerna saía da igreja e distraía sua alma do trabalho que tinha suportado, e dirigia seu olhar para as montanhas e as planícies para daí tirar alguma recreação.

Logo que Blanquerna se sentia reconfortado, entrava em oração e contemplação ou lia os livros da Divina Escritura ou o "Livro de Contemplação", e permanecia assim até a hora de terça. Depois, rezavam a terça, a sexta e nona; e depois da terça, o diácono retornava e preparava algumas verduras ou legumes para Blanquerna. Na horta, ou em outras coisas, Blanquerna trabalhava para não ficar ocioso e ter melhor saúde. Entre o meio-dia e a hora de nã, depois de ter comido, voltava sozinho à igreja para dar graças a Deus.

Terminada a sua oração, costumava passear uma hora pela horta até a fonte, ou por todos aqueles lugares onde melhor pudesse alegrar sua alma. A seguir, dormia para melhor aguentar o trabalho da noite. Terminado o sono, lavava suas mãos e o seu rosto e esperava até que tocassem as vésperas, para as quais voltava o diácono. Acabadas as vésperas, diziam as completas, e o diácono ia embora. Blanquerna considerava tudo aquilo que mais lhe agradasse e melhor o preparasse para entrar em oração.

Após o pôr-do-sol, Blanquerna costumava subir ao terraço que estava sobre a sua cela e permanecia em oração até o primeiro sono, olhando o céu e as estrelas com os olhos chorosos e o coração devoto, absorvido nas honras de Deus e nas faltas que os homens cometem contra Ele neste mundo. Blanquerna, contemplando do pôr-do-sol ao primeiro sono, ficava em tão grande recolhimento e fervor, que, já uma vez na cama e dormindo, às vezes lhe parecia que continuava com Deus, tão forte era a sua oração.

Blanquerna permaneceu nessa vida e nessa felicidade até conseguir que todas as pessoas daquelas redondezas tomassem grande devoção às virtudes do altar da Santa Trindade que havia naquela capela. E, movidos pela devoção, vinham à capela muitos homens e mulheres que perturbavam Blanquerna em sua oração e contemplação. E para que as pessoas não perdessem a devoção que tinham àquele lugar, hesitava em dizer-lhes que não viessem mais, e por isto Blanquerna mudou sua cela para um monte que distava uma milha da igreja e outro tanto do local onde ficava o diácono. Permaneceu nesse lugar e não queria à igreja nas horas em que aí houvesse gente, nem queria que algum homem ou alguma mulher viesse para aquela cela para onde se tinha mudado.

Assim viveu o ermitão Blanquerna, considerando que nunca estivera em tão prazerosa vida nem tão bem disposto para levantar sua alma a Deus. Tão santa vida era aquela em que Blanquerna estava que Deus o abençoava e encaminhava para lá todos os que tinham devoção pelas virtudes daquele lugar

onde estava a capela; e assim o Papa, os cardeais e seus oficiais cresciam na graça de Deus pela santa vida de Blanquerna.

*De como Blanquerna, ermitão,
escreveu o Livro do amigo e do Amado*

Aconteceu um dia que o ermitão, que, como dissemos, se encontrava em Roma (1), foi visitar os ermitães e os enclausurados que lá estavam e descobriu que, em certas matérias, sofriam muitas tentações, pois ignoravam o modo de comportar-se que convinha à sua vida; e pensou pedir a Blanquerna, o ermitão, que lhe escrevesse um livro sobre a vida dos eremitas, mediante o qual os outros ermitães pudessem e soubessem manter-se em contemplação e devoção. E estando um dia Blanquerna em oração, veio aquele ermitão à sua cela e pediu-lhe o referido livro. Muito pensou Blanquerna de que modo o escreveria, e sobre que matéria trataria.

Pensando nisso, veio-lhe o desejo de entregar-se fortemente em adoração e contemplação de Deus, a fim de que na oração Deus lhe mostrasse o método e a matéria com que fazer o livro. Enquanto Blanquerna chorava e adorava, e quando sua alma para Deus se levantava com a sublime extremidade de suas forças, sentiu-se Blanquerna fora de si, pelo grande fervor e devoção em que estava, e compreendeu que a força do amor não segue método algum quando o amigo ama fortemente a seu Amado. Daí que Blanquerna quis fazer o *Livro do amigo e do Amado*, entendendo por amigo o fiel e devoto cristão e pelo amado, a Deus.

Enquanto Blanquerna estava nesta consideração, lembrou-se de que uma vez, sendo ele Papa (2), um sarraceno contou-lhe que entre eles havia algumas pessoas religiosas, as quais são muito respeitadas e estimadas, e que se chamam "sufis", e que têm o costume de dizer as palavras de amor com exemplos breves que inspiram aos homens uma grande devoção. São frases que precisam de uma curta explicação mediante a qual o entendimento se levanta mais alto e, por causa dessa elevação, a vontade também sobe e multiplica assim sua devoção. Depois de ter considerado tudo isso, resolveu Blanquerna fazer o livro segundo esse método e disse ao ermitão que voltasse para Roma, pois brevemente enviar-lhe-ia pelo diácono o Livro do amigo e do Amado, com o qual poderia multiplicar o fervor e a devoção dos ermitães, que desejava enamorar de Deus.

Do prólogo

Blanquerna estava em oração e considerava o modo como contemplava a Deus e suas virtudes, e saindo desse exercício escrevia aquilo que havia contemplado em Deus. Fazia isso todos os dias e renovava na sua oração os argumentos, para compor de muitas de muitas e diversa maneiras o "Livro do amigo e do Amado". Procurava que os raciocínios fossem breves para que a alma pudesse refletir num curto espaço de tempo.

E com a bênção de Deus, Blanquerna começou o seu livro, que dividiu em tantos versos quanto os dias do ano. Cada verso tem matéria suficiente para todo um dia de contemplação de Deus, conforme a "Arte do Livro de contemplação".

Começam as metáforas morais

- 1.** O amigo perguntou a seu Amado se havia nEle alguma coisa ainda por amar. O Amado respondeu-lhe que sim: ainda restava por amar aquilo que podia multiplicar o amor do amigo. **(3)**
- 2.** Os caminhos pelos quais o amigo busca seu Amado são longos, perigosos, povoados de considerações, de suspiros e de prantos, e iluminados de amores.
- 3.** Juntaram-se muitos para amar a um Amado que a todos cumulava de amores. Cada um deles tinha plenamente para si o Amado e seus prazerosos pensamentos, que lhes traziam gozosas consolações.
- 4.** Chorava o amigo e dizia: - Quando chegará a hora em que cessarão no mundo as trevas e os caminhos infernais? E quando a água, que costuma descer, ganhará a tendência natural de subir? E quando será em maior número os inocentes que os culpados? Ah! quando se gabará o amigo de morrer pelo seu Amado? E quando o Amado verá o amigo fenecer pelo seu amor?
- 5.** Disse o amigo ao Amado: - Tu que cumulas o sol de esplendor, cumula meu coração de amor. Respondeu-lhe o Amado: - Se não estivesses já repleto de amor, não estariam teus olhos em pranto, nem terias vindo a este lugar para ver o teu Amado.
- 6.** Tentou o Amado, o amigo, para ver se o amava com perfeição; e perguntou-lhe que diferença há entre a presença e a ausência do Amado. O amigo respondeu: - Da ignorância e do esquecimento, do conhecimento e da lembrança.
- 7.** Perguntou o Amado: - Lembras-te de algo com que Eu te tenha agraciado, e por isso queres amar-Me? - Sim, respondeu, pois não vejo diferença entre os sofrimentos e os consolos que me envias.
- 8.** - Dize, amigo, terás suficiente paciência se duplico agora as tuas dores? - Sim, desde que dupliques meus amores.
- 9.** Disse o Amado ao amigo: - Continuas sabendo o que é amor? Respondeu este: - Se não o soubesse, acaso saberia o que é sofrimento, tristeza e dor?
- 10.** Perguntaram ao amigo: - Por que não respondes a teu Amado que te chama? Disse: Já me exponho a graves perigos a fim de aproximar-me dEle; já Lhe falo desejando suas honras.
- 11.** - Amigo doido, por que destróis a tua pessoa, gastas teu dinheiro, desprezas os deleites deste mundo e andas menosprezado pelas pessoas?

Respondeu o amigo: - Para venerar as honras do meu Amado, que é mais desamado e desonrado pelos homens do que amado e respeitado.

12. - Dize-me, louco de amor, o que é mais visível: o Amado no amigo, ou o amigo no Amado? Respondeu que o Amado é visto pelos amores, e o amigo, pelos suspiros, prantos, sofrimentos e dores.

13. Procurava o amigo quem contasse ao seu Amado que ele, por amor, passava por graves dificuldades e morria; e achou seu Amado lendo um livro onde estavam escritas todas as dores que o amor infligia ao amigo, e toda a gratidão que estas dores lhe despertavam.

14. Nossa Senhora **(4)** apresentou seu Filho ao amigo para que lhe beijasse os pés e escrevesse no seu livro suas virtudes.

15. - Dize-me, pássaro canoro, refugias-te no meu Amado para que te livre do desamor e multiplique em ti o amor? A ave: - E quem me faz cantar, senão o senhor do amor, que considera ofensa o desamor?

16. Entre o temor e a esperança fez pousada o amor, que vive de pensamentos e morre de esquecimentos, quando se fundamenta no que está por cima dos deleites deste mundo. **(5)**

17. Houve uma disputa entre os olhos e a memória, porque os olhos diziam que era melhor ver o Amado que lembrá-Lo, e a memória dizia que é pela lembrança que sobe a água aos olhos e o coração se inflama de amor.

18. O amigo perguntou ao entendimento e à vontade qual dos dois estava mais perto do Amado; os dois correram, mas o entendimento chegou ao Amado antes do que a vontade.

19. Altercaram o amigo e o Amado; e um outro amigo viu, e chorou por longo tempo, até que se restabelecessem a paz e a concórdia entre o Amado e o amigo.

20. Os suspiros e as lágrimas vieram ao Tribunal do Amado e perguntaram-Lhe por qual dos dois sentia-se mais fortemente amado. O Amado sentenciou que os suspiros estão mais perto do amor, e as lágrimas, dos olhos.

21. Veio o amigo beber na fonte onde quem não ama, ao beber, se enamora e, depois de ter bebido, vê duplicadas as suas dores. Veio o Amado a beber nessa fonte para intensificar além de toda medida em seu amigo os amores, nos quais as dores se multiplicam.

22. Adoeceu o amigo e o Amado cuidava dele: alimentava-o com méritos, dava-lhe amor para beber, recostava-o na paciência, vestia-o com a humildade e medicava-o com a verdade.

23. Perguntaram ao amigo onde estava o seu Amado. Respondeu dizendo: - Vê-lo-eis numa casa mais nobre que todas as demais nobrezas criadas, e contemplá-Lo-eis nos meus amores, desfalecimentos e lágrimas.

24. Disseram ao amigo: De onde vens? - Venho do meu Amado. - Aonde vais? - Vou ao meu Amado. - Quando voltarás? - Estarei com meu Amado. - Quanto tempo estarás com teu Amado? - Tanto quanto nEle permaneçam meus pensamentos. (6)

25. Cantavam os pássaros à aurora e acordou o amigo, que é a aurora, e os pássaros terminaram seu canto, e o amigo morreu pelo Amado, na aurora. (7)

26. Cantava o pássaro no vergel do Amado, e veio o amigo e disse ao pássaro: - Se não nos compreendemos pela linguagem, compreendamo-nos pelo amor, pois teu canto revela aos meus olhos meu Amado.

27. Veio o sono ao amigo, pois muito trabalhara buscando seu Amado, e teve medo de esquecê-Lo. Chorou, para não dormir e para que não estivesse ausente o seu Amado de sua recordação.

28. O amigo e o Amado se encontraram, e disse o amigo: - Não são necessárias as palavras, basta um sinal com teus olhos, que será palavra para o meu coração, e te darei o que quiseres.

29. Desobedeceu o amigo a seu Amado, e chorou. E o Amado veio morrer nas vestes do seu amigo (8), para que este recuperasse o que perdera, e deu-lhe assim um dom maior do que aquele que havia perdido.

30. O Amado namorava o amigo e não Lhe doíam seus desfalecimentos, pois assim seria por ele mais fortemente amado, e quanto maior o desfalecimento maior prazer e repouso o amigo achava.

31. Disse o amigo: - Quando as minhas obras os deixam transparecer, atormentam-me os segredos do meu Amado, pois minha boca os mantém ocultos e não os revela aos demais.

32. As qualidades do amor são: que o amigo seja sofrido, paciente, humilde, temente, solícito, confiado, e que se arrisque a grandes perigos para honrar seu Amado. E as qualidades do Amado são: que seja verdadeiro, generoso, piedoso e justo para com seu amigo.

33. Procurava o amigo devoção por entre os montes e as planícies, desejando ver se seu Amado era servido; e só encontrou falimentos em cada um destes lugares. Por isso, cavou a terra para buscar plenitude de devoção, pois sobre a terra apenas havia ausências.

34. - Dize-me, pássaro que cantas por amor ao meu Amado, por que Ele me atormenta com amor se me tomou como Seu servidor? Resposta da ave: - Se por amor não padecesses trabalhos, com que amarias teu Amado?

35. Pensativo ia o amigo pelas veredas do Amado; escorregou e caiu entre os espinhos, que lhe pareceram flores e leito de amores.

36. Perguntaram ao amigo se trocaria por outro seu Amado. E respondeu dizendo: - E qual outro é melhor ou mais nobre que o soberano Bem eterno, infinito em grandeza, poder, sabedoria, amor e perfeição?

37. Cantava e chorava o amigo as cantigas de seu Amado, e afirmava que mais rápido é o amor no ânimo de quem ama, do que o relâmpago no seu fulgor e o trovão no seu fragor, e mais viva está a água nas lágrimas do que nas ondas do mar; e mais perto está o suspiro do amor que da neve a brancura.

38. Perguntaram ao amigo por que seu Amado era glorioso? Respondeu: - Porque é glória. E por que era poderoso? Resposta: - Porque é poder. E por que é sábio? - Porque é sabedoria. E por que é amável? - Porque é amor:

39. Levantou-se de manhã o amigo e andava buscando o seu Amado; encontrou pessoas que iam pelo caminho e indagou se tinham visto seu Amado. Responderam-lhe dizendo: - Em que hora teu Amado se ausentou dos olhos da tua mente? O amigo respondeu e disse: - Depois de ter visto o meu Amado em meus pensamentos, nunca Ele se ausentou de meus olhos corporais, e todas as coisas visíveis me representam meu Amado.

40. Com olhos cheios de pensamentos, desmaios, suspiros e choros, mirava o amigo seu Amado; e com olhos cheios de graça, justiça, piedade, misericórdia, generosidade, o Amado fitava o amigo. E um pássaro cantava durante esta gozosa troca de olhares.

41. As chaves do amor são douradas com pensamentos, suspiros e prantos; seu cordão é feito de consciência, contrição, devoção e penitência; e o porteiro é de justiça e misericórdia.

42. Batia o amigo à porta de seu Amado com golpes de amor e esperança. O Amado ouvia o bater de seu amigo com humildade, piedade, paciência e caridade. Divindade e humanidade abriam as portas. E entrou o amigo para visitar o Amado.

43. Propriedade e comunidade se encontraram e se combinaram (9), a fim de que houvesse amizade e benevolência entre o amigo e o Amado.

44. São dois os fogos que aquecem o amor do amigo: um é feito de desejos, prazeres e pensamentos; o outro se compõe de temor e desmaios, de lágrimas e prantos.

45. O amigo desejava solidão e foi viver sozinho para, assim, ter a companhia do Amado, com o qual se sentia sozinho, mesmo quando estava entre as pessoas.

46. Sozinho estava o amigo à sombra de uma bela árvore. Passaram uns homens por aquele lugar e perguntaram porque estava só. E o amigo esclareceu que sozinho ficou quando os viu e ouviu, pois até então estivera na companhia do seu Amado. (10)

47. Com sinais de amor falavam-se o amigo e o Amado; e com temor, pensamentos, lágrimas e prantos contava o amigo a seu Amado as fraquezas do seu coração.

48. O amigo duvidou que o Amado lhe falasse nas suas maiores necessidades, e o Amado deixou de amá-lo. Mas o amigo teve contrição e arrependimento no coração e o Amado restituiu a esperança e a caridade ao seu coração, e pôs-lhe lágrimas e prantos nos olhos, para que voltasse o amor ao amigo.

49. Entre amigo e Amado são coisas iguais a proximidade e o afastamento; porque, como mistura de água e vinho, os amores do amigo e do Amado se unem, como o calor e o resplendor entrelaçam seus amores; e como essência e ser se atraem e se aproximam.

50. Disse o amigo a seu Amado: - Em ti tenho a saúde e a enfermidade. Quanto mais perfeitamente me saras, mais cresce a minha doença, e quanto mais me adoeces, maior saúde me dás. Respondeu o Amado: - O teu amor é o selo e a marca com que mostras às pessoas minha honra.

51. O amigo viu-se preso, atado, ferido e morto, por amor de seu Amado. Os que o atormentavam perguntaram-lhe: - Onde está o teu Amado? Respondeu: - Ei-lo aqui, na multiplicação de meus amores e na paciência que me dá em meus tormentos.

52. Disse o amigo a seu Amado: - Nunca fugi nem me afastei de Ti desde que te conheci, pois onde eu estivesse, estava em Ti, por Ti e contigo. Respondeu o Amado: - Desde que tu me conhecestes e amaste, também Eu não te esqueci, nem jamais te enganei, nem te frustrei.

53. Ia o amigo por uma cidade como louco cantando, e o povo perguntava-lhe se perderá o juízo. Respondeu que seu Amado havia-lhe arrebatado a vontade e que ele Lhe entregara a inteligência; portanto, restava-lhe apenas a memória, com a qual se lembrava do seu Amado.

54. Disse o Amado: - É estranho e contra o amor, que o amigo durma esquecendo o Amado. Respondeu o amigo: - É estranho e contra o amor, que o Amado não acorde o amigo, já que tanto o desejou.

55. Elevou-se o coração do amigo até as alturas do Amado, para escapar das dificuldades de amar que se encontram no abismo deste mundo. Quando chegou ao Amado, com doçura e prazer contemplou-O, mas o Amado o fez descer de novo a este mundo para que O contemplasse entre penas e tribulações.

56. Perguntaram ao amigo: - Quais são as tuas riquezas? Respondeu: - As pobrezaas que pelo meu Amado padeço. - E qual é teu repouso? - O desfalecimento que o amor me dá. E quem é teu médico? - A confiança que deposito no Amado. - E quem é teu mestre? Respondeu dizendo que eram os sinais que as criaturas lhe dão de seu Amado.

57. Cantava um passarinho em um ramo repleto de folhas e flores, e o vento mexia as folhas e espalhava o aroma das flores. E o amigo perguntava ao pássaro que significava o movimento das folhas e o perfume das flores. Respondeu: - As folhas, com seu movimento, significam obediência; e o perfume, sofrimento e desdita.

58. Ia o amigo desejando o Amado e deparou com dois apaixonados que entre prantos de amor se saudavam, se abraçavam e beijavam. Desmaiou o amigo, tão vivamente lhe lembraram o Amado.

59. O amigo pensou na morte, e teve medo, até que se lembrou de seu Amado. E gritou ao povo que tinha diante de si: - Ah! amai muito, a fim de que não temais nem os perigos nem a morte, no serviço do meu Amado.

60. Perguntaram ao amigo pelo princípio de seus amores. Respondeu que nas nobrezas do Amado, e que, a partir de então, começou a amar a si mesmo e ao próximo e a desprezar as mentiras e os defeitos.

61. - Dize, louco: Se teu Amado deixasse de te amar, que farias? Retrucou dizendo que amaria, para não morrer, pois deixar de amar é morte e o amor é vida.

62. Interrogaram o amigo sobre o que era perseverança. Respondeu que eram as venturas e desventuras do amigo que persevera no amar, honrar e servir seu Amado com fortaleza, paciência e esperança.

63. Reclamou o amigo a seu Amado a paga pelo tempo que O servira. O Amado contou os pensamentos, os desejos, os prantos, os perigos, os trabalhos que por seu amor o amigo padecera, acrescentou naquela conta a eterna bem-aventurança e deu-se a Si próprio, como paga, ao amigo.

64. Indagaram ao amigo o que era a ventura da vida. Retrucou que eram as desventuras padecidas por amor.

65. - Dize-me, louco: o que é desventura? - Lembrança dos desacatos que fazem a meu Amado, digno de toda honra.

66. Remirava o amigo um lugar onde vira seu Amado, e dizia: - Ah! lugar, que me tornas presentes os belos modos do meu Amado, dize a Ele que padeço, por seu amor, trabalho e sofrimento. - Quando em mim estava teu Amado, Ele padecia por teu amor maiores penas e contradições que todas as que o amor possa dar a seus servidores, disse o lugar.

67. O amigo dizia a seu Amado: - Tu és tudo, e estás por toda a parte, e em tudo, e com tudo. Quero-Te totalmente, a fim de que tudo tenha e seja em mim. - Não podes ter-me totalmente se não fores meu, respondeu o Amado. - Toma-me todo, e que eu também te tenha totalmente, retrucou o amigo. O Amado disse-lhe: - E o que restará então a teu filho, a teu irmão e a teu pai? - Tu és um todo tal, que podes ser tudo para quem se entrega totalmente a Ti, disse o amigo.

68. O amigo demorou-se na consideração da grandeza e da duração de seu Amado, e nela não achou começo, nem meio, nem fim. - O que medes, louco? Disse o Amado. - Meço o menor com o maior, o falhar com o cumprir, o que tem começo pelo infinito e eterno, a fim de que a humildade, a paciência, a caridade e a esperança estejam mais vivas na minha lembrança.

69. Os caminhos do amor são longos e breves, porque o amor é claro, puro, limpo, verdadeiro, sutil, simples, forte, solícito, resplandecente e sempre abundante de novos pensamentos e antigas recordações.

70. Perguntaram ao amigo quais são os frutos do amor. - Prazeres, pensamentos, desejos, suspiros, ânsias, trabalhos, perigos, tormentos, desmaios. Sem tais frutos, não se deixa atingir pelos que o servem, retrucou.

71. Havia uma multidão de pessoas na presença do amigo e este se queixava a seu Amado por não crescerem seus amores; e ao mesmo tempo queixava-se, de amor, porque lhe aumentava os trabalhos e as dores. Desculpava-se o Amado dizendo que os trabalhos e as dores de que o acusava, multiplicar-lhe-iam os amores.

72. - Dize-me, doido: Por que não falas? Em que estás embebido e pensativo? - Nas belezas de meu Amado, disse o amigo, e na semelhança que tem as alegrias e as dores que me causam e dão os amores.

73. - Dize-me, doido: Quem foi primeiro, teu coração ou teu amor? Retrucou dizendo-lhe que ambos tiveram um mesmo começo, pois, não sendo assim, o coração não teria sido criado para amar, nem o amor para pensar. **(11)**

74. Perguntaram ao insensato onde se originou o seu amor, se nos segredos de seu Amado, ou na confissão dos mesmos às pessoas. Replicou afirmando que, quando o amor é perfeito, não vê nisso diferença, pois secretamente guarda os segredos de seu Amado, e com segredo os revela, e na mesma revelação os mantém ocultos.

75. Segredo de amor sem ser revelado, traz paixão e dor. Revelar o amor, gera temor pelo fervor. É por isso que, de qualquer modo, o amigo sempre desfalece.

76. O Amor chamou os que amam e sugeriu que Lhe pedissem os dons que lhes parecessem mais desejáveis e prazenteiros. Exortaram o Amor a que os vestisse e os enfeitasse com as suas feições, a fim de que parecessem mais agradáveis ao Amado.

77. O amigo chamou com gritos as pessoas e disse-lhes que o Amor ordenava que O amassem caminhando e estando sentados, velando e dormindo, falando e calando, comprando e vendendo, chorando e rindo, no gosto e no desgosto, ganhando e perdendo; e em tudo quanto fizessem, em tudo O amassem, pois fora ordenado amar.

78. - Dize, insensato, quando penetrou em ti o Amor? - Naquele tempo, segredou, em que enriqueceu e povoou meu coração de pensamentos, desejos, suspiros e fraquezas, e inundou meus olhos de lágrimas e prantos. - Que ganhaste com o Amor? - Formosas feições, honras, e os valores do Amado, continuou. - Em que vieram a dar? - Em lembrança e entendimento. - Com que os recebeste? - Com caridade e esperança. - Como os guardaste? - Com justiça, prudência, fortaleza e temperança.

79. Cantava o Amado, e dizia que de amor pouco o amigo entendia, se tinha vergonha de louvar seu Amado, ou se temia venerá-lo nos lugares onde mais fortemente era desonrado; e declarava que pouco entende de amores quem se cansa com as infelicidades, e quem desespera do Amado; pois não existe concordância entre amor a desesperança.

80. Mandou o amigo suas cartas ao Amado e nelas Lhe perguntava se existia outro amigo que lhe ajudasse a levar e sofrer as grandes canseiras que por amor padecia. O Amado escreveu-lhe dizendo que não tinha o que temer, pois nada havia nele que o tornasse culpado nem desonrasse o Amado.

81. Indagaram ao amado sobre o amor de seu amigo. Respondeu que o amor de seu amigo era uma mistura de gozo e aflição, de temor e intrepidez.

82. Interrogaram o amigo sobre o amor do Amado. Retrucou que o amor de seu Amado era influxo de poder, eternidade, sabedoria, caridade, perfeição, do Amado no amigo.

83. - Dize-me, insensato: O que é espantoso? - Amar mais o ausente do que o presente, e amar mais o visível corruptível do que o invisível incorruptível, esclareceu o amigo.

84. Procurando o amigo o seu Amado, encontrou um homem que morria sem amor, e disse: Grande pena é que os homens, seja qual for a morte com que morram, morram sem amor! Por isso disse o amigo ao moribundo: - Responde-me: Por que morres sem amor? Exclamou: - Porque sem amor vivia.

85. Perguntou o amigo a seu Amado o que era maior, o amor ou o amar. Disse o Amado que na criatura o amor era a árvore e amar o fruto; que os desgostos e as canseiras são as flores e as folhas. Mas, em Deus, amor e amar são idênticos, sem esforços nem cansaços.

86. O amigo estava fraco e triste devido à multidão de pensamentos e rogou a seu Amado que lhe enviasse um livro onde estivessem descritos os traços de seu Amado para assim remediar seu mal. Remeteu o Amado o livro e duplicaram-se as dificuldades e desfalecimentos do amigo.

87. Adoeceu de amor o amigo e visitou-o um médico que lhe aumentou suas dores e seus pensamentos; e naquela mesma hora ficou curado.

88. Afastaram-se o amor e o amigo, e a alegria do Amado estava com eles. O Amado reapareceu diante deles. Chorou o amigo e, no seu quebranto, o amor desapareceu. E o Amado reavivou o amigo mostrando-lhe seu rosto.

89. Dizia o amigo ao Amado que por muitos caminhos o Amado chegava ao seu coração e se lhe representava a seus olhos, e que por muitos nomes O designava a sua palavra. Todavia, o amor do Amado com o qual aviva e mortifica é apenas um só.

90. Mostrava-se o amado a seu amigo com vestes novas e avermelhadas. Estendeu Seus braços para que pudesse abraçá-Lo e inclinou sua cabeça para que pudesse beijá-Lo e se elevou ao alto para que pudesse encontrá-Lo.

91. Ausentava-se de vez em quando o Amado de seu amigo. Procurava-O o amigo com seus pensamentos e lembranças, para amá-Lo. Encontrando-O, quis saber onde estivera. - Na ausência de tua memória e na ignorância de tua inteligência, respondeu o Amado.

92. - Dize-me, louco: Não tens vergonha de que te vejam chorar por teu Amado? Respondeu que a vergonha sem pecado é por falta de amor, em quem não sabe amar.

93. Semeou o Amado no coração do amigo desejos, suspiros, virtudes e amores. Regou o amigo as sementes com lágrimas e choros.

94. O Amado semeou, no corpo do amigo, fadigas, tribulações e penas. O amigo curava seu corpo com a esperança, a devoção, a paciência e a consolação.

95. Numa pomposa festa apresentou-se ao Amado um enorme cortejo de honrados varões. Preparou-lhes esplêndidos banquetes e deu-lhes magníficos dons. Foi o amigo àquela corte, e disse-lhe o Amado: - Quem te convidou à minha corte? Brandiu o amigo: - A necessidade e o amor me forçaram a vir, para ver o Teu rosto e a Tua conduta.

96. Perguntaram ao amigo de quem era. Respondeu que era do amor. - De que és feito? - De amor. - Quem te gerou? - O amor. - Onde nasceste? - No amor. - Quem te criou? - O amor. - De que vives? - De amor. - Como te chamas? - Amor. - De onde vens? - Do amor. - Aonde vais? - Ao amor. - Onde estás? - No amor. - Tens alguma outra coisa fora do amor? Respondeu: - Tenho culpas e faltas contra meu Amado. - No teu Amado há perdão? Disse o amigo que nos seu Amado havia misericórdia e justiça, e por isso tinha sua estalagem entre o temor e a esperança.

97. O Amado ausentou-se do amigo. Procurou-O o amigo nos seus pensamentos e com linguagem de amor perguntava por Ele a todos os homens.

98. Encontrou o amigo seu Amado menosprezado pelas pessoas, e contou-Lhe esta grande injúria. Retrucou-lhe o Amado, dizendo que padecia agravos por falta de ardentes e devotos amadores. Chorou o amigo e cresceu a sua dor, e o Amado o consolou com seu carinho.

99. A luz do quarto do Amado iluminou o do amigo, afastando as trevas e ocupando-o com alegrias, fadigas e pensamentos. E o amigo jogou fora tudo quanto havia no quarto, para que coubesse nele seu Amado.

100. Perguntaram ao amigo que emblema tinha seu Amado em seu estandarte. Respondeu: Um homem morto. Ao ser perguntado pelo porquê, esclareceu que seu Amado fora um homem morto e crucificado, e assim todos os que se gloriam de serem seus amantes poderão acompanhar Aquele que se fez seu Escravo.

101. Pousou o Amado na estalagem do amigo e o mordomo exigiu a paga da hospedagem; contudo o amigo disse que de graça seria a hospedagem.

102. Juntaram-se memória e vontade, e subiram à montanha do Amado, para que o entendimento se exaltasse e o amor se multiplicasse, ao amar o Amado.

103. A cada dia, suspiros e choros são mensagens entre o Amado e o amigo, a fim de que entre os dois haja alívio, companhia, amizade e bondade.

104. Sentiu o amigo saudades de seu Amado e fez-Lhe conhecer seus pensamentos para, assim, receber dEle a bem-aventurança na qual descansara por tanto tempo.

105. Deu o Amado a seu amigo o dom das lágrimas, dos suspiros, das penas, dos pensamentos e das dores, e com este benefício servia o amigo a seu Amado.

106. O amigo rogava a seu amado que lhe desse liberalidade, paz e respeito neste mundo; e o Amado revelou seu rosto à memória e ao entendimento do amigo e entregou-Se como objeto da sua vontade.

107. Perguntaram ao amigo em que consistia a honra. - Em compreender e amar seu Amado, segredou. - E a desonra? - Em esquecer e deixar de amar o Amado, lamentou.

108. - O amor me atormentava até que lhe disse que Tu estavas presente nos meus tormentos. O amor mitigou, então, as penas e Tu, como prêmio, multiplicaste meu amor, que duplicou meus tormentos.

109. - Achei no caminho do amor um amante que não falava, mas com lágrimas, feições macilentas e desfalecidas, acusava e reprendia o amor. Este se desculpava com lealdade, esperança, paciência, devoção, fortaleza, temperança, bem-aventurança. Por isso, corrigiu-se o amante que do amor se queixara, pelos dons tão nobres que dEle recebera.

110. Cantava o amigo e dizia: Oh, que grande desventura é o amor! Que felicidade amar um Amado que nos ama com infinito e eterno amor, completo em todas suas dimensões.

111. Ia o amigo por uma terra estranha e procurava seu Amado quando o assaltaram dois leões. Um medo de morte intimidou o amigo, que desejava viver para servir a seu Amado. Dirigia suas lembranças para o Amado a fim de morrer de amor, e com Ele melhor padecer a morte. Enquanto o amigo lembrava o Amado, os leões vieram mansamente lambe as lágrimas dos seus olhos e lhe beijaram as mãos e os pés, e o amigo pôde ir em paz buscar seu Amado.

112. Andava o amigo pelos montes e planícies e não podia descobrir o portal por onde sair do cárcere de amor que, por tanto tempo, acorrentara seu corpo, seus pensamentos e todos os seus desejos e deleites.

113. Enquanto o amigo ia assim ansioso, encontrou um ermitão que dormia perto de uma bela nascente. Acordou o amigo e ermitão, indagando se vira, em sonhos, seu Amado. O ermitão respondeu que de igual modo estavam aprisionados no cárcere do amor seus pensamentos, quando dormia e quando velava. Agradou muito ao amigo encontrar companheiro de prisão, e ambos choraram, pois não tinha o Amado muitos desses amadores.

114. Não existe no Amado nada em que o amigo não encontre ansiedade e tribulações, nem o amigo tem em si algo do qual o Amado possa obter prazer e segurança. Por isto, o amor do Amado está em ação, e o amor do amigo em dores e paixão.

115. Num ramo cantava um pássaro e dizia que daria um novo pensamento de amor a quem dois lhe desse. Deu a ave o novo pensamento ao amigo e este, para aliviar seus tormentos, lhe deu os outros dois, e nesse mesmo instante sentiu o amigo multiplicar suas dores.

116. Encontraram-se o amigo e o Amado e testemunhos foram de seu encontro os cumprimentos, os abraços, os beijos, as lágrimas e os choros. E perguntou o Amado pelo estado do amigo e perplexo ficou este na presença do Amado.

117. Brigaram entre si amigo e Amado e os seus amores os pacificaram, e a questão era saber qual dos dois amores encerrava maior amizade.

118. O amigo amava todos os que temiam seu amado e temia todos os que não o temiam. Por isso se perguntava qual seria nele o maior: o amor ou o temor.

119. Esforçava-se o amigo por seguir seu Amado e por isso passou incólume por um caminho onde havia um feroz leão que matava todos que andavam por ali sem devoção e preguiçosamente.

120. Dizia o amigo: - Quem não teme meu amado, temer tudo lhe convém. Quem teme meu Amado, ser audaz e ousado lhe convém.

121. Perguntaram ao amigo que coisa era ocasião; e disse que era achar gozo na penitência, entendimento na consciência, esperança na paciência, saúde na abstinência, consolo na lembrança, amor na diligência, lealdade na vergonha, riqueza na pobreza, paz na obediência e guerra na má vontade.

122. Iluminou o Amor a nuvem que se intrometeu entre o amigo e o Amado e tornou-a, assim, clara e resplandecente como a lua no meio da noite, como a estrela na aurora, o sol no dia e a inteligência na vontade; e através daquela nuvem resplandecente, falaram-se amigo e Amado.

123. Interrogaram o amigo quais são as maiores trevas. - A ausência do Amado, respondeu. E qual o maior resplendor? - A presença do Amado.

124. O selo do Amado aparece no amigo quando, por amor, encontra-se em tribulações, suspiros e choros, pensamentos, e é desprezado pelos homens.

125. Escrevia o amigo estas palavras: que se alegre meu Amado porque lhe envio meus pensamentos e por Ele choram meus olhos; e sem penas não vivo, nem sinto, nem vejo, nem ouço, nem tenho olfato.

126. - Ah, inteligência e vontade! Gritai e acordai os grandes cães que dormem, esquecendo-se do meu Amado! Olhos! Chorai! Coração! Suspira! Memória! Lembra-te da grande desonra que fazem ao meu Amado aqueles aos quais tanto honrou.

127. Aumentou a inimizade que existe entre as pessoas e meu Amado. Todavia, Ele continua prometendo dons e galardões e ameaçando com justiça e sabedoria. Entretanto, a memória e a vontade desprezam suas ameaças e suas promessas.

128. Aproximava-se o Amado do amigo para confortá-lo e consolá-lo das penas que sentia e das lágrimas que chorava; e quanto mais o Amado aproximava-se, o amigo mais fortemente chorava e se compadecia, vendo as desonras que seu Amado sofria.

129. Com pena de amor, tinta de lágrimas e papel de paixão escrevia o amigo cartas a seu Amado, nas quais Lhe dizia que a devoção se atrasava e o amor falecia, e que seus inimigos multiplicavam pecados e erros.

130. Atavam-se os amores do amigo e do Amado com lembranças, idéias e vontades de tal modo que o amigo e Amado não se separavam, e a corda com que estes amores se atavam era de pensamentos, penas, suspiros e prantos.

131. Jazia o amigo no leito do amor. Os lençóis era de prazeres, o cobertor de mágoa, o travesseiro de pranto. E não se sabia se o travesseiro era feito do mesmo tecido que os lençóis e o cobertor.

132. Vestia o Amado a seu amigo com mantéu, cota e túnica. O capelo era de amor, a camisa de pensamentos, as calças de adversidades, e de lágrimas a grinalda.

133. Rogava o Amado a seu amigo que não O esquecesse. E o amigo Lhe dizia que não podia esquecê-Lo porque não podia ignorá-Lo.

134. Pedia o Amado que naqueles lugares onde mais se teme louvá-Lo, O louvasse e O defendesse. Dizia-Lhe o amigo que de amor o dotasse. Respondia o Amado que, por seu amor, tinha-se encarnado e morrido crucificado.

135. Dizia o amigo a seu querido Amado que lhe mostrasse como torná-Lo conhecido, amado e louvado pelos homens. O Amado cumulou o amigo com devoção, paciência, caridade, aflições, pensamentos, suspiros e lágrimas; e sobrevieram ao coração do amigo atrevimento para louvar o Amado, louvores à sua boca, e à sua vontade desprezo pela murmuração dos que julgam com falsidade.

136. Dizia o amigo às pessoas estas palavras: - Quem verdadeiramente se lembra de meu Amado, esquece tudo enquanto dEle se lembra; e quem tudo esquece para lembrar-se de meu Amado, de tudo Ele o defende e tudo compartilha com Ele.

137. Interrogaram o amigo de onde nascia seu amor, de que vivia, e por que morria. Respondeu que o amor nascia da lembrança, vivia de inteligência e morria por esquecimento.

138. Esqueceu o amigo tudo quanto está embaixo dos céus, a fim de que a inteligência pudesse subir mais alto e conhecer o Amado, que a vontade deseja apregoar e contemplar.

139. O amigo lutava para honrar seu Amado, e fez-se acompanhar pela fé, esperança, caridade, justiça, prudência, fortaleza e temperança com as quais venceria os inimigos do Amado. E teria sido vencido o amigo se o Amado não o ajudasse a confessar as excelências dEle.

140. Queria o amigo o passamento para o fim último, pelo qual amava seu Amado. Mas os outros fins embargavam o seu trânsito; e por isso dilatados desejos e pensamentos davam-lhe tristeza e pena.

141. O amigo gloriava-se e alegrava-se nas excelências do Amado. E desfalecia com o excesso de meditações e pensamentos, duvidando se sentia mais intensamente os deleites do que os tormentos.

142. O amigo se fez de mensageiro do Amado para os príncipes cristãos e infiéis, a fim de mostrar-lhes a Arte e seus princípios para que pudessem conhecer e amar o Amado. (12)

143. Se vês o amante enfeitado com nobres vestes, cheio de vaidade e gordo de tanto comer e dormir, saibas que nele vês condenação e tormentos. Se o vês pobremente vestido, desprezado pelos homens, pálido e macilento de tanto jejuar e velar, saibas que nele estás vendo a salvação e a bênção eterna.

144. Lamentou-se o amigo e queixou-se seu coração pelo ardor de seu amor. Morreu o amigo, chorou o Amado e deu ao amigo um alívio de paciência, esperança e recompensa.

145. Chorava o amigo o que perdera, e não havia quem pudesse consolá-lo, pois suas perdas eram irrecuperáveis.

146. Deus criou a noite para que o amigo a passasse velando e pensando nas nobrezas do Amado; e o amigo pensava que tivesse sido criada para descansar e adormecer as fadigas do amor.

147. Zombavam e censuravam o amigo porque andava louco de amor. E o amigo desprezava suas zombarias e os repreendia por não amar seu Amado.

148. Dizia o amigo: - Vestido estou de vil burel; todavia, o amor veste de agradáveis pensamentos o meu coração, e de paixões, lágrimas e penas, o meu corpo.

149. Cantava o Amado e dizia: - Preparam-se os que me louvam para louvar meus valores, mas meus inimigos os atormentam com seus desprezos. Por isso, fiz que meu amigo lamentasse e chorasse a minha desonra. E sua lágrimas e lamentos nasciam do meu amor.

150. Jurava o amigo ao Amado que era pelo seu amor que amava e suportava trabalhos e penas, e por isso pedia-lhe que o amasse e se compadecesse de seus esforços. O Amado jurou-lhe que era próprio de seu amor amar todos os que O amavam e ter compaixão dos que sofrem por seu amor. Alegrou-se o amigo e consolou-se pela natureza e propriedade essencial de seu Amado.

151. O Amado despojou da palavra seu amigo; e este consolava-se fixando a vista no Amado.

152. Tanto clamou e chorou o amigo a seu Amado que Ele desceu das alturas soberanas do céu e veio à terra chorar, lamentar-se e morrer de amor, e ensinar os homens a amar e a conhecer e louvar seus atributos.

153. Queixava-se o amigo dos cristãos porque não colocam o nome de seu Amado, Jesus Cristo, no início de suas cartas, para que pelo menos O honrem como os sarracenos a Maomé, que foi homem falaz, mas cujo nome colocam no início de suas cartas para honrá-lo. [\(13\)](#)

154. Encontrou o amigo um escudeiro, magro, pálido e pobremente vestido, que andava pensativo. Saudou este o amigo, desejando-lhe que Deus o encaminhasse ao encontro do Amado. O amigo perguntou-lhe como sabia do seu amor, e o escudeiro respondeu que quem tem um segredo de amor descobre o do outro, e que por isso os amantes se reconhecem.

155. As nobrezas, as glórias e as boas obras do Amado são o tesouro e as riquezas do amigo; e o tesouro do Amado são os pensamentos, os desejos, as

penas, os prantos e os desfalecimentos que o amigo suporta para amar e honrar seu Amado.

156. Um numeroso exército e uma grande multidão experimentavam o vigor do amor e carregavam a bandeira do amor, que é a imagem do Amado; e não querem na sua companhia os que não têm amor, para que seu Amado não se sinta desonrado.

157. Os homens, que se fazem de loucos por amontoar dinheiro, movem o amigo a se tornar louco de amor; e a vergonha que o amigo sente por andar como um louco gera o amor e o apreço nos homens. A dúvida está em saber qual dos dois movimentos é maior ocasião de amor.

158. O amor entristeceu o amigo pelo excesso de pensamentos. Cantou o Amado e alegrou-se o amigo tendo-O ouvido. E a pergunta é: qual dos dois - pensamentos e cantares - multiplicou no amigo seu amor.

159. Nos segredos do amigo se revelam os segredos do Amado, e nos segredos do Amado se revelam os do amigo. Trata-se de saber qual dos dois segredos é maior ocasião de revelação.

160. Perguntavam ao louco com que sinal conhecia o Amado. Pela misericórdia e a piedade, respondeu, que se encontram por essência na sua vontade, sem nenhuma mudança.

161. Dado o particular amor que o amigo tinha pelo seu Amado, amava o bem universal mais do que o particular, para que assim seu Amado fosse universalmente conhecido, louvado e desejado.

162. Amor e desamor encontravam-se num pomar onde o amigo e o Amado em segredo choravam. O amor perguntou ao desamor para que viera àquele lugar. - Para desamar o amigo e desonrar o Amado, respondeu. Muito desgostou isto a ambos e dilataram seu amor para destruir o desamor.

163. - Dize-me, louco, o que desejas com mais força, amar ou odiar? - Amar, respondeu, pois odeio para poder amar.

164. - Dize-me, tu que amas, que compreendes melhor, a verdade ou o erro? - A verdade - Por quê? - Porque compreendo o erro para poder compreender melhor a verdade.

165. O amigo compreendeu que era amado por seu Amado e perguntou-Lhe se o seu amor e a sua misericórdia eram uma coisa só. Afirmou o Amado que não há diferença essencial entre amor e misericórdia; e por isso perguntou-Lhe o amigo por que o amor o atormentava e por que o Amado, na sua misericórdia, não o curava de suas penas. E o Amado respondeu-lhe que por misericórdia lhe

enviava penas para que assim pudesse com elas satisfazer mais perfeitamente seu amor.

166. Desejou o amigo ir a terras estranhas para venerar seu Amado e disfarçou-se para não ser preso pelo caminho. Mas não pôde encobrir as lágrimas de seus olhos, nem a magreza de suas feições, nem a palidez do seu rosto, nem as lágrimas, os pensamentos, os suspiros, a tristeza e os desfalecimentos de seu coração. E assim foi aprisionado durante a viagem e entregue aos tormentos pelos inimigos do seu Amado.

167. Detido no cárcere do amor permanecia o amigo. Pensamentos, desejos e lembranças guardavam-no e acorrentavam-no para que não fugisse do Amado. Dores o atormentavam; paciência e esperança o consolavam. Desfalecia, mas deixou-se ver o Amado e o amigo reviveu.

168. Achou o amigo seu Amado; reconheceu o amigo seu Amado e chorou. Repreendeu-o o Amado, porque antes de reconhecê-Lo não chorara e perguntou-lhe como O tinha reconhecido. O amigo Lhe respondeu que O reconheceu na sua memória, na sua inteligência, e na sua vontade, onde o amor se multiplicou após tê-Lo presente aos olhos corporais.

169. Perguntou o Amado ao amigo que era o amor. Respondeu que era a presença das feições e das palavras do Amado no coração do amigo que suspira e desfalece de lágrimas e desejos.

170. Amor é ebulição de ousadia e de temor causado pelo fervor. Amor é desejar o Amado. Amor é o que mata o amigo, quando ouve cantar as belezas do Amado. E, finalmente, Amor é aquilo que me faz morrer e onde se encontra todos os dias a minha vontade.

171. A devoção e a saudade enviaram pensamentos-mensageiros ao coração do amigo para que as águas subissem aos olhos, que nos entanto queriam acabar com o pranto em que já perseveravam por muito tempo.

172. Dizia o amigo: - Se quereis fogo, vinde ao meu coração e acendei nele as vossas lâmpadas; e se quereis água, vinde às nascentes dos meus olhos cheios de lágrimas; e se quereis pensamentos de amor, vinde a tomá-los na minha meditação.

173. Certo dia o amigo pensava no grande amor que tinha pelo seu Amado e nos grandes trabalhos e perigos em que estivera pelo seu amor durante muito tempo, e considerava que seus prêmios tinham sido muito grandes. Enquanto assim pensava, o amigo concluiu que seu Amado já o recompensara, pois ele já O amava e, por amor, recebia sofrimentos.

174. O amigo limpava seu rosto e seus olhos dos prantos que por amor padecia, para que não descobrissem as dores que seu amado lhe enviava. O

Amado perguntou-lhe por que escondia os sinais de amor aos outros, já que os tinha dado para estimular a honra de seus atributos.

175. - Dize-me, louco de amor, até quando estarás cativo e forçado a chorar e a agüentar trabalhos e dores? Respondeu: - Até o momento em que meu Amado coloque separação entre minha alma e meu corpo.

176. - Dize-me, doido: Tens dinheiro? Respondeu: Tenho o Amado. - Tens casas, castelos, cidades, condados ou ducados? Respondeu: - Tenho amores, pensamentos, prantos, desejos, penas e dores, que são melhores do que os reinos e os impérios.

177. Perguntavam ao amigo de que modo se conhecia a sentença do seu Amado. Respondeu que na igualdade de alegrias e de penas com que o Amado retribuía aqueles que O amam.

178. - Dize, louco: Quem sabe mais de amor, aquele que do amor recebe contentamento ou aquele que colhe peso e sofrimento? Respondeu que sem um e outro não se pode saber o que é amor.

179. Interrogaram o amigo por que motivo não se desculpava das faltas e dos falsos crimes de que o acusavam. Retrucou que antes devia defender seu Amado que estava sendo injustamente blasfemado e que a criatura humana, que pode cair em erro e engano, quase não é digna de ser desculpada.

180. - Dize, louco de amor, por que desculpas o amor que castiga e atormenta o teu corpo e o teu coração? Segredou: - Porque assim multiplico meus méritos e a minha felicidade.

181. Queixava-se o amigo de seu Amado por permitir ao amor atormentá-lo tão fortemente. Desculpava-se o Amado, aumentando-lhe os pensamentos, os trabalhos, os perigos, as lágrimas e os prantos.

182. - Dize, louco: Por que desculpas os culpáveis? - Para que deste modo não seja semelhante àqueles que acusam tanto os inocentes quanto os culpáveis.

183. O Amado elevou a inteligência do amigo a fim de que lhe entendesse as excelências, inclinando sua memória para que lhe recordasse as faltas e estimulando sua vontade para desprezá-las, e assim subisse, até amar as perfeições do Amado.

184. Cantava o amigo seu Amado e declarava que Lhe tinha tanta boa vontade que tudo aquilo que abominava por amor era-lhe mais suave e agradável do que aquilo que amava sem o amor de seu Amado.

185. Caminhava o amigo por uma grande cidade e indagava se acharia alguém com quem falar, à vontade, sobre o Amado, e indicaram-lhe um homem pobre, que chorava de amor e procurava companhia para falar de amor.

186. Perplexo estava o amigo, pensando como podiam suas penas nascer das grandezas de seu Amado, se estava tão repleto de felicidade.

187. O amigo hesitou entre esquecer suas penas e lembrar suas alegrias, pois os gozos que colhia do amor lhe faziam esquecer suas desventuras, e os sofrimentos que por amor suportava lembravam-lhe a ventura que o amor lhe trazia.

188. Perguntaram ao amigo se seria possível que o Amado deixasse de amá-lo. Respondeu que não, enquanto sua memória O lembrasse e sua inteligência se entretivesse nas grandezas do Amado.

189. - Dize, louco de amor: Como se obtém a maior comparação e semelhança? - Com o amigo e o Amado, respondeu. - E por que motivo? - Pelo amor que há entre os dois, retrucou.

190. Perguntaram ao Amado se alguma vez teve piedade para com o amigo. Respondeu que se não tivesse tido piedade, não teria enamorado o amigo, nem o teria atormentado com suspiros, lágrimas, trabalhos e dores.

191. Em um grande bosque estava o amigo buscando o Amado, encontrou a verdade e o erro discutindo a respeito de seu Amado. A verdade O louvava e o erro O injuriava. Por isso o amigo chamou o amor para que viesse ajudar a verdade.

192. Entrou no amigo a tentação de ausentar-se do Amado e, deste modo, avivar a memória para recuperar a sua presença - lembrando-se dEle com mais força que antes -, para elevar o entendimento a uma compreensão mais alta, encaminhando a vontade para uma maior contemplação.

193. Um dia, o amigo esqueceu do seu Amado, e no outro dia lembrou que o esquecera. E no dia em que o amigo lembrou que tinha esquecido seu amado entraram nele a tristeza e a dor, mas depois voltou a glória e felicidade, pela recordação.

194. Tão fortemente o amigo desejava os louvores e as honras do Amado que hesitava se delas se lembrava. E tão fortemente detestava as desonras do Amado, que duvidava se as detestava. Por isso estava perplexo, entre o amor e temor de seu Amado.

195. O amigo morria de alegria e vivia de penas, e as alegrias e as penas se juntavam até serem uma coisa só na vontade do amigo. E, por isso, morria e vivia ao mesmo tempo.

196. Queria o amigo esquecer e ignorar o Amado apenas por uma hora, para experimentar se colheria algum alívio em suas penas. Mas, como pensou que seria maior o sofrimento pelo esquecimento e a ignorância, teve paciência e elevou sua inteligência e sua memória até a contemplação do Amado.

197. Tanto amava o amigo a seu Amado, que acreditava em tudo quanto Este lhe dizia, e tanto desejava compreendê-Lo que o que dEle ouvia dizer desejava entender por razões necessárias (14). E por isso o amor do amigo agitava-se entre a crença e a inteligência.

198. Perguntavam ao amigo o que se conservava mais longe de seu coração, e o amigo respondeu: - O desamor. Ao perguntarem-lhe o motivo, esclareceu que era o amor, que é contrário ao desamor, o que ficava mais perto do seu coração.

199. - Dize, doido: Tens inveja? - Sim, lamentou, todas as vezes que esqueço a abundância e as riquezas de meu Amado. (15)

200. - Dize-me, tu que amas: Tens riqueza? - Sim, o amor. - Tens pobreza? - Sim, o amor. Por quê? - Porque meu amor ainda não é tão grande a ponto de arrastar muitos a entregarem-se ao meu Amado.

201. - Dize-me, tu que amas, onde está teu poder? - No poder do meu Amado, respondeu. - Com que lutas contra teus inimigos? - Com a força do meu Amado. - Com que te reconfortas? - Com os eternos tesouros de meu Amado.

202. Dize-me, louco: O que amas mais, a misericórdia ou a justiça de teu Amado? Respondeu que lhe convinha igualmente amar e temer a justiça, pois a sua vontade não deveria preferir outra coisa à justiça de seu Amado.

203. Batalhavam entre si culpas e méritos na consciência e na vontade do amigo. A justiça e a lembrança multiplicavam a consciência. A misericórdia e a esperança multiplicavam a ventura na vontade do Amado. Por isso, os méritos venciam os erros e as culpas na penitência do amigo.

204. Afirmava o amigo que em seu Amado se continha toda a perfeição e negava que houvesse nEle algum defeito, e por isso desejava saber qual das duas era a superior, a afirmação ou a negação?

205. Houve um eclipse no céu e trevas na terra, e por isso o amigo lembrou-se de que o pecado tinha afastado, por muito tempo, o Amado de seu querer e, devido a essa ausência, as trevas desviaram de sua mente a luz na qual o Amado se revela aos que O amam.

206. O amor irrompeu no amigo e este perguntou-lhe o que queria. E o amor disse-lhe que vinha a fim de acostumá-lo e de tal maneira educá-lo que, na hora da morte, pudesse vencer seus mortais inimigos.

207. O amor adoeceu quando o amigo esqueceu seu Amado; e o amigo adoeceu porque, de tanto querer lembrar o Amado, Este enviou-lhe penas, ânsias e fadigas.

208. Encontrou o amigo um homem que morria sem amor, e chorou a desonra do Amado naquela morte sem amor. Perguntou-lhe o amigo por que morria sem amor, e aquele homem respondeu-lhe que ninguém lhe ensinara em que consiste o amor nem como se aprende a amar. Por isso o amigo suspirou, chorando, e disse: - Ah, fervor! Quando sereis maior e, assim, a culpa menor! E quando meu Amado terá muitos seguidores, ardentes e fervorosos, que O louvem e O amem, que não duvidem em cantar todas as Suas bondades!

209. O amigo quis experimentar se o amor podia manter-se vivo no seu coração sem a lembrança do Amado, e seu coração cessou de pensar e seus olhos de chorar; aniquilou-se-lhe o amor e o amigo ficou irresoluto na vida e andava perguntando onde poderia encontrar de novo o amor. [\(16\)](#)

210. Amor, amar, amigo e Amado combinam tão fortemente no Amado quanto uma única realidade essencial. Sendo diversos, amigo e Amado concordam sem nenhuma contrariedade nem diversidade de essência [\(17\)](#). Por isso, o Amado é amável sobre todos os amores.

211. - Dize, doido, por que amar tanto? Respondeu: - Porque longa e perigosa é a viagem na busca do amado. Convém que eu O procure com grande fé e diligentemente. E isto não poderá ser feito sem um grande amor.

212. Velava, jejuava, chorava, dava esmolas e por terras estranhas ia o amigo a fim de mover a vontade de seu Amado a excitar nos Seus súditos a honra de Suas bondades.

213. Se não basta o amor do amigo para mover a piedade e o perdão do Amado, basta o amor do Amado para ofertar a suas criaturas a graça e a bênção.

214. - Dize, louco, o que te torna mais parecido com teu Amado? - Ouvir e amar, com todas as minhas forças, as feições do Amado.

215. Perguntaram ao amigo se seu Amado carecia de algo. Respondeu que sim: De pessoas que O amem, louvem e honrem suas perfeições.

216. O Amado feria o coração do amigo com vergastadas de amor, até fazer-lhe amar a árvore da qual o Amado tirava as varas com as quais fere os que O

amam. Nessa árvore o Amado sofreu abatimento, desonra e morte, a fim de restaurar o amor nos amantes que perdera.

217. O amigo encontrou seu Amado e viu-O muito nobre e poderoso, digno de toda honra, e disse-Lhe que muito se admirava de que tão poucos O amassem, O conhecessem e O honrassem conforme merecia a Sua dignidade. E o Amado disse-lhe que ficou decepcionado com o homem que criara precisamente para que O amasse, conhecesse e honrasse. Lamentou-se de que entre mil homens apenas cem O temiam ou amavam. Que dos cem, noventa O temiam pelo castigo, e dez O amavam esperando, assim, receber glória. E que ninguém O amava por Sua bondade e nobreza. Quando o amigo ouviu estas palavras, chorou fortemente pelo desacato de seu Amado e disse: - Amado, Tu que tanto deste ao homem e tanto o honraste, por que o homem Te esqueceu tanto?

218. Louvava o amigo a seu Amado, e lamentava sua transcendência, pois se encontrava onde não se pode alcançar. Por isso, quando interrogaram o amigo onde estava seu Amado, disse: Está, mais não sei onde; sei todavia que meu Amado está na minha memória.

219. Comprou o Amado com suas honras um escravo e o submeteu a muitos pensamentos, cansaços, suspiros e lágrimas; e perguntou-lhe o que comia e bebia. Replicou-lhe que o que Ele quisesse. - E o que vestes? - O que Tu quiseres. - Tens alguma migalha de vontade própria? - O servo e cativo não quer outra coisa senão obedecer a seu Senhor e Amado.

220. Perguntou o Amado a seu amigo se tinha paciência. Retrucou que como tudo lhe agradava não tinha necessidade de ter paciência, pois não tendo o senhorio de sua vontade não podia ser impaciente.

221. O amor se entregava a quem queria; e como a muitos não se dava a nem apaixonava aqueles que amava, pois era livre, o amigo reclamava do amor e este acusava o Amado. Mas o amor se desculpava dizendo que ele não era contra o livre arbítrio, pois desejava grande mérito e glória aos que o amavam.

222. Deu-se profunda oposição e discórdia entre o amigo e seu amor, pois o amigo se cansava dos trabalhos que por amor suportava. Discutindo se era falha do amor ou do amigo, foram ao juízo do Amado, que castigou o amigo com mais enfermidades e o premiou, cumulando-o de amor.

223. Surgiu a questão de se o amor ficava mais próximo dos pensamentos do que da paciência. Resolveu o amigo a questão, ao afirmar que o amor nasce nos pensamentos e se sustenta com a paciência.

224. Vizinhas do amigo são as belezas do Amado; e os vizinhos do Amado são os pensamentos, trabalhos e os prantos que o amigo suporta por amor.

225. A vontade do amigo quis subir muito alto para poder amar muito a seu Amado, e mandou a inteligência subir também, com todas as suas forças. A inteligência mandou que também a memória subisse. E as três faculdades subiram para contemplar as honras do Amado.

226. A vontade deixou o amigo e se deu ao Amado, que aprisionou a vontade no amigo para ser por ele amado e servido.

227. Dizia o amigo: - Não pense meu Amado que eu me tenha desviado, amando outro amado, pois o amor habituou-me a amar apenas um amado. Dizia o Amado: - Não pense meu amigo que eu seja apenas por ele amado e servido, pois tenho muitos outros que Me amam, mais fortemente e mais dilatadamente do que ele.

228. Dizia o amigo ao Amado: - Amável Amado, acostumaste e educaste meus olhos para ver, e meus ouvidos para ouvir tuas perfeições; e por isso acostumaste meu coração com pensamentos que acostumaram meus olhos a chorar e meu corpo a cansar. O Amado respondia ao amigo, dizendo-lhe que, sem tais hábitos e costumes, não estaria seu nome escrito no livro onde estão escritos os nomes de todos aqueles aos quais está reservada a bênção eterna, nem apagando do livro onde estão escritos os nomes de todos os destinados à eterna maldição.

229. No coração do amigo se reúnem os nobres comportamentos do Amado, e assim aumentam os pensamentos e as penas no amigo, que teria se acabado e morrido, se o Amado continuasse multiplicando nos seus pensamentos as ânsias de servi-Lo.

230. O Amado veio pousar na casa do amigo, e este Lhe preparou um leito de pensamentos e serviu-Lhe lágrimas e suspiros; e o Amado pagou a sua estadia com lembranças.

231. O amor combinou penas e alegrias nos pensamentos do amigo. Queixaram-se as alegrias dessa mescla, e acusaram o amor perante o tribunal do Amado. E acabaram-se e esvaeceram-se as alegrias quando o Amado as separou das penas que o amor concede aos que amam.

232. Os sinais de amor que o amigo faz ao Amado são, no começo, choros, depois tribulações e, no fim, morte. E por esses sinais o amigo prega àqueles que ama seu Amado.

233. O amigo ficou só, e os pensamentos acompanhavam seu coração, as lágrimas e os prantos os seus olhos, e aflições e jejuns todo seu corpo. E à medida que o amigo procurava a companhia das pessoas, desamparavam-no todas essas coisas, e assim ia ficando cada vez mais isolado o amigo no meio da multidão. **(18)**

234. O amor é como um mar alvoroçado de ventos e ondas, sem porto nem margem. Morre o amigo no mar; e no perigo morrem também seus tormentos e nasce sua realização.

235. - Dize, louco, o que é amor? - Amor é conformidade de teoria e prática na procura de um fim ao qual se move a vontade do amigo: fazer com que todos honrem e sirvam seu Amado. Ou, talvez, o fim seja ainda mais a vontade de estar com seu Amado.

236. Perguntaram ao amigo quem era seu Amado. Explicou que era quem o fazia amar, desejar, cansar, suspirar, chorar, ser desprezado e morrer.

237. Indagaram ao Amado quem era seu amigo. Respondeu que era aquele que, por honrar e louvar Suas perfeições, não hesitava padecer qualquer trabalho, e renunciava a tudo para obedecer todos os Seus mandamentos e conselhos.

238. - Dize, louco, que carga é mais estafante e pesada: trabalhos de amor ou trabalhos de desamor? - Pergunta-o àqueles que se penitenciam pelos amor de seu Amado e àqueles que o fazem pelo temor dos tormentos infernais.

239. Adormeceu o amigo e o seu amor morreu, pois não tinha com que viver. O amigo acordou e reviveu o seu amor, ao pensar no seu Amado.

240. O amigo explicava que a ciência infusa provinha da vontade, da devoção e da oração; e que a ciência adquirida, do estudo e da inteligência. Por isso se perguntava qual das duas se adquiria com maior rapidez, qual era a mais agradável e qual, no amigo, a amor.

241. - Dize, louco de amor: De onde provêm tuas necessidades? Respondeu: - Dos pensamentos, do desejar, adorar, sofrer e da perseverança. - E onde obténs isso tudo? - No amor. - E onde encontrarás o amor? - No meu Amado. - E onde encontrarás o teu Amado? - Somente em Si mesmo.

242. - Dize, doido de amor: Queres estar livre de tudo? - Sim, menos do meu Amado. - Queres, então, ser cativo? - Sim, de suspiros e pensamentos, de penas e perigos, e exílios e prantos, para servir meu Amado que me criou para que O glorificasse.

243. O amor atormentava o amigo, que chorava e se lamentava. Seu Amado gritava-lhe para que se aproximasse dEle, pois o curaria. Quanto mais perto de seu Amado o amigo ficava, mais fortemente o amor o atormentava, pois maior amor sentia. Como, ao amar mais, mais se deleitava, mais fortemente o Amado o curava de suas dores.

244. Doente estava o amor, e o amigo o curava com paciência, perseverança, obediência e esperança. Na medida em que o amor curava, o amigo adoecia; curava-o o Amado, lembrando-lhe suas virtudes e seus serviços.

245. - Dize, louco de amor: O que é a solidão? - Consolação e companhia de amigo e Amado. - E o que é consolo e companhia? - Solidão, que permanece no coração do amigo que se lembra somente de seu Amado.

246. Argüíram o amigo: - Onde está o perigo maior, em suportar trabalhos por amor, ou em gozar felicidades? O amigo concordou com o Amado, dizendo que os perigos das adversidades provêm da impaciência; e os da felicidades, da ignorância.

247. Libertou o Amado o amor, e permitiu que todos tomassem dele à vontade, mas dificilmente encontrou quem o colocasse no seu coração. Por isso chorou o amigo e entristeceu-se pela desonra que entre nós sofre o amor, por todos os que amam falsamente e pelos ingratos.

248. O amor destruía todas as coisas que encontrava no coração de seu verdadeiro amigo, para poder nele caber e viver. E o amigo teria morrido se não se tivesse lembrado do Amado.

249. Havia no amigo dois pensamentos: por um deles pensava todos os dias na essência e nas virtudes de seu Amado e, pelo outro, considerava suas obras. E hesitava em afirmar qual dos dois pensamentos era mais luminoso e mais agradável ao Amado e a si próprio.

250. Morreu o amigo por causa de um grande amor. Enterrou-o na sua terra o Amado, e depois ressuscitou-o. E se pergunta: De quem - amor ou Amado - o amigo recebeu maior dom?

251. Na prisão do Amado havia desgraças, perigos, cansaços, desonras e exílios a fim de que o amigo não tivesse nenhuma dificuldade em louvar Suas perfeições e em enamorar os homens que O desprezavam.

252. Estava um dia o amigo perante muitos que seu Amado havia favorecido em excesso neste mundo, pois O desprezavam em seus pensamentos. Menosprezavam o Amado e insultavam os que O serviam. O amigo chorou, puxou de seus cabelos, bateu no seu rosto, rasgou suas roupas e gritou em voz alta: Houve jamais tão grande falta, quanto esse desdém pelo meu Amado?

253. - Dize, doido, desejas morrer? - Sim, aos deleites deste mundo e aos pensamentos dos malvados, que esquecem e desonram meu Amado. Desses pensamentos não quero entender nem deles participar, pois neles não se encontra meu Amado.

254. - Se tu, louco, dizes a verdade, serás ferido e escarnecido, perseguido, atormentado e morto pelos homens. - Destas tuas palavras se depreende que, se falsidade falasse, serias louvado, amado, servido e honrado pelas pessoas e afastado dos que amam meu Amado.

255. Um dia, falsos louvadores vituperavam o amigo na presença do Amado. O amigo manifestava paciência, e o Amado justiça, sabedoria e poder. E o amigo preferiu ser injuriado e repreendido a ser um daqueles falsos difamadores.

256. Semeava o Amado diversas sementes no coração do amigo, no qual nascia, vestia folhas e florescia um único fruto. E deseja-se saber se aquele fruto poderão nascer diversas sementes. (19)

257. Por cima do amor, o Amado achava-se nas alturas; por baixo do amor, ínfimo sentia-se o amigo. E o amor, que estava no meio, fez descer o Amado ao amigo e subir o amigo até o Amado. E desse subir e descer vive e se origina o amor, que faz desfalecer o amigo e servir o Amado.

258. À direita do amor reside o Amado, e à esquerda o amigo; por isso, sem passar pelo amor, não se pode alcançar o Amado.

259. O Amado está de permeio entre o amigo e o amor; por isto o amigo não pode atingir o amor sem atravessar, com pensamentos e desejos, o Amado.

260. O Amado fez para seu amigo outros dois semelhantes a Ele nas perfeições e nos valores. E o amigo inflamou-se igualmente de amor pelos três, muito embora o amor fosse único, para significar a unidade dos três Amados subsistentes.

261. Vestiu-se o Amado com o mesmo tecido que se vestia seu amigo, para ser assim seu companheiro na glória eterna. E por isto, o amigo escolhia sempre vestes vermelhas, a fim de que o tecido fosse mais parecido com as vestes que o Amado usava.

262. - Dize, louco: O que fazia teu Amado antes de criar o mundo? - Por diversas propriedades eternas, pessoais e infinitas - nas quais estão o amigo e o Amado - era-Lhe próprio Ser. (20)

263. Chorava o amigo, e estava muito triste, ao ver os infiéis perderem, por ignorância, o seu Amado; mas alegrava-se ao ver a justiça do seu Amado, que afligia os que O conheciam e O desobedeciam. Por isso, perguntaram-lhe qual era a maior, a tristeza ou a alegria, e se era mais feliz vendo honrar seu Amado, ou mais infeliz ao ver que O desprezavam.

264. Mirava o amigo seu Amado, na maior diferença e concordância de virtudes, e na maior contrariedade (21) de virtudes e vícios, e no ser e

perfeição, que coincidem mais fortemente sem falta e não-ser, do que com falta e não-ser.

265. O amigo contemplava os segredos do Amado pela diversidade e concordância, que lhe revelavam a pluralidade e unidade no seu Amado, para maior conveniência de essência sem contrariedade.

266. Disseram ao amigo que se a corrupção, que é contrária ao ser, em quanto é contrária à geração - que por sua vez é contrária ao não-ser -, fosse eternamente corruptora e corrompida, seria impossível que não-Ser e fim concordassem com a corrupção e corrompido. Nestas palavras, o amigo viu no seu Amado geração eterna.

267. Se a falsidade fosse aquilo pelo que o amigo pudesse amar mais seu Amado, então a verdade seria aquilo pelo que o amigo poderia amar menos seu Amado. Se assim fosse, seguir-se-ia uma carência de maioridade e de verdade no Amado e haveria nele concordância de falsidade e minoridade.

268. Louvava o amigo seu Amado, e afirmava que se no Amado há a maior possibilidade de perfeição e, portanto, a maior impossibilidade de imperfeição, convém que seja simples, ato puro em essência e operação. Destarte, enquanto o amigo louvava o Amado, revelava-se-lhe a sua trindade.

269. O amigo via maior concordância entre o número 1 e o 3 que em quaisquer outros números, pois todas as formas corporais passavam do não-ser ao ser por esses números. Por isso, o amigo contemplava a unidade e a trindade de seu Amado nessa máxima concordância de número. (22)

270. Louvava o amigo o poder, o saber e o querer de seu Amado que criaram todas as coisas, com exceção do pecado, que não seria sem o poder, a sabedoria e o querer do Amado. Mas, nem seu poder, nem sua sabedoria, nem sua vontade são ocasião do pecado.

271. O amigo louvava e amava seu Amado porque o havia criado e lhe havia dado tudo quanto tinha; louvava-O e amava-O porque quis assumir sua semelhança e sua natureza; e diante disso convém perguntar: - Quais desses louvores e amores são os mais perfeitos?

272. O amor tentou o amigo no terreno da sabedoria e perguntou-lhe se o Amado o tinha amado mais, ao assumir a sua natureza ou ao recriá-lo (23). Ficou perplexo o amigo até responder que a recriação se destina a evitar o mal e a encarnação a conceder a felicidade. Esta resposta produziu outra questão: - Qual foi o maior amor?

273. Ia o amigo pedindo esmola de porta em porta, para lembrar a todos o quanto seu Amado ama os que O servem e, também, para exercitar-se na humildade, na pobreza e na paciência, que são coisas agradáveis a seu Amado.

274. Pediram perdão ao amigo invocando o amor de seu Amado; e o amigo, não só os perdoou, mas entregou-se-lhes de todo, junto com seus bens.

275. Com lágrimas nos olhos o amigo narrava a paixão e a dor que seu Amado suportou pelo seu amor; e com tristeza e pensamentos escrevia as palavras que recitava; e com misericórdia e esperança se confortava.

276. O Amado e o amor vieram ver o amigo enquanto dormia. O Amado gritou ao amigo e o amor acordou-o; e o amigo obedeceu ao amor e respondeu ao Amado.

277. O Amado nutria o amigo no amor, e este ensinava-o a arriscar, e a paciência ensinava-o a suportar trabalhos pelo amor dAquele a quem se entregou como servidor.

278. Interrogava o Amado aos homens se tinham visto o seu amigo, e estes queriam saber quais eram suas características. O Amado disse que seu amigo era valente e temeroso, rico e pobre, alegre e triste, pensativo e que adoecia todos os dias por seu amor.

279. Perguntaram ao amigo se queria vender seu desejo, e respondeu que já o havia vendido ao Amado, a um preço tal que bastaria para comprar o mundo inteiro.

280. - Prega, louco, e dize algo a respeito de quem amas! Chora! Jejua! O amigo renunciou ao mundo, e saiu a procurar, cheio de amor, seu Amado, e louvava-O naqueles lugares onde era desprezado.

281. Levantava o amigo uma bela cidade para que seu Amado a habitasse. Com amor, pensamentos, prantos e cansaços a edificava; com alegrias, esperanças e devoção a adornava; e com fé, justiça, prudência, fortaleza e temperança a guarnecia.

282. O amigo bebia amor na fonte do Amado, na qual Este lhe lavou os pés, apesar de que muitas vezes o amigo esquecera e desprezara seus favores. Porque o mundo está em falta com o Amado.

283. - Dize, louco: O que é pecado? - Intenção torta e invertida contra a última intenção ou finalidade pela qual meu Amado criou todas as coisas, respondeu. (24)

284. Compreendia o amigo que o mundo é criado, pois a eternidade convém mais a seu Amado, que é essência infinita em grandeza e em toda perfeição, que ao mundo, que é quantidade finita (25). Por isso, o amigo, ao pensar na justiça do seu Amado, via que convinha mais à sua eternidade ser antes do tempo e da quantidade finita.

285. Defendia o amigo a seu Amado diante de todos aqueles que alegam que o mundo é eterno, dizendo que não seria a justiça perfeita se não devolvesse a cada alma o seu corpo. Ora, se o mundo fosse eterno não haveria suficiente lugar nem matéria prima, nem poderia estar ordenado a um único fim, sem o qual não seria perfeita a vontade e a sabedoria do Amado.

286. - Dize, doido: Como sabes que a fé católica é a verdadeira e a crença dos judeus e dos sarracenos é falsa e errônea? - Nas dez condições do "Livro do gentio e dos três sábios".

287. - Dize, louco: Onde começa a sabedoria? - Na fé e na devoção, que são como uma escada por onde o entendimento humano sobe até os segredos do meu Amado. - E a fé e a devoção, onde começam? - No meu Amado, que ilumina a fé e aquece a devoção.

288. Indagaram o que seria maior, a possibilidade ou a impossibilidade. O amigo respondeu que na criatura a possibilidade era maior e nos seu Amado, a impossibilidade; pois possibilidade corresponde a potência, e impossibilidade a ato.

289. - Dize, doido: O que é maior, a diferença ou a concordância? - Fora do meu Amado, a diferença é maior na pluralidade, e a concordância na unidade; mas em meu Amado são iguais, em diferença e unidade.

290. - Dize, tu que amas: O que é o valor? - O contrário do valor deste mundo, desejado pelos que amam falsamente ao amar vaidades, desejando valores enquanto na realidade obtêm o não-valor por serem inimigos do Valor.

291. - Dize, louco: Viste algum homem demente? Respondeu que conhecera um bispo que na sua mesa tinha muitos copos, muitos pratos e talheres de prata, e no seu quarto muitas roupas, uma grande cama e muito dinheiro na sua caixa; mas poucos pobres à porta de seu palácio.

292. - Louco, sabes o que é vileza? - Pensamentos vis. - E o que é lealdade? - O temor de meu Amado, que procede da caridade e da vergonha, e teme a repreensão do povo. - E o que é honra? - Pensar em meu Amado, e desejar e louvar todos os seus atributos.

293. Os desgostos e as tribulações que o amigo suportava por amor o perturbavam e o inclinaram à impaciência. O Amado, com bons tratos e promessas, corrigiu-o esclarecendo que pouco entende de amor quem se altera por trabalhos árduos e penosos, ou por venturas. O amigo estalou em lágrimas de contrição e pediu a seu Amado que lhe retribuísse o amor.

294. - Louco, dize: O que é amor? - O que torna escravos os que são livres, e dá liberdade aos servos. E pergunta-se de qual dos dois o amor está mais próximo, da liberdade ou da escravidão?

295. Gritava o Amado a seu amigo e este respondia-Lhe dizendo: - O que te apraz, meu Amado, olho dos meus olhos, pensamento de meus pensamentos, perfeição de minhas perfeições, amor de meus amores, e, ainda, princípio de meus princípios?

296. - Amado, dizia o amigo, a Ti vou e em Ti vou, pois me chamas. Vou contemplar a contemplação na contemplação, pela contemplação de tua contemplação. Mantenho-me na tua virtude, e com a tua virtude vou até a tua virtude, de onde tiro mais virtude. Saúdo-te com a tua saudação, que é a minha saúde na tua santidade, da qual espero a salvação eterna na bênção da tua bênção, na qual sou abençoado na minha bênção. (26)

297. - Alto estás, Amado, nas alturas às quais exaltas a minha vontade, exaltada na tua exaltação à altura que exalta, na minha lembrança, minha inteligência, exaltada na tua exaltação em conhecer tuas perfeições, para que a vontade tenha um exaltado amor e a memória uma exaltada recordação.

298. - És, meu Amado, glória de minha glória, e com a tua glória e na tua glória, glorificas minha glória, que tem glória da tua glória. Por tua glória parecem-me igual glória os cansaços e as fraquezas que tenho ao honrar a tua glória aos gozos e pensamentos que me vêm da tua glória.

299. - amado, no cárcere de amor enamoreste-me com teus amores, que me enamoraram de teus amores, por teus amores e nos teus amores. Porque outra coisa não és senão amores, nos quais me fazes estar sozinho e em companhia de teus amores e de tuas perfeições. Porque Tu estás sozinho na minha solidão, pois estou solitário nos meus pensamentos quanto a Tua solidão que, sozinha nas suas perfeições, me isolou para louvar e honrar suas perfeições, sem medo dos ingratos que não te possuem sozinho nos seus amores.

300. - És consolação, Amado, de toda consolação; porque meus pensamentos consolaram-se na tua consolação, que é consolo e alívio de meus cansaços e tribulações, que são atribuladas na tua consolação, de igual maneira que não consolas os ignorantes com teu consolo nem enamoras mais fortemente para honrar tuas riquezas os que já conhecem tua consolação.

301. O amigo queixava-se de seu amado a seu Senhor, e de seu Senhor a seu Amado. E o Senhor e o Amado diziam: - Quem é que nos divide, se somos uma única realidade? - A piedade do Senhor e a tribulação que sofremos por causa do Amado.

302. Estava em perigo o amigo no grande mar do amor, e confiava na ajuda do seu Amado, que o socorria com tribulações, pensamentos, lágrimas e prantos, suspiros e desmaios, pois o mar era de amores e de honras às perfeições do Amado.

303. Alegrava-se o amigo porque seu Amado era, pois pelo seu Ser os outros seres chegaram a ser, e nEle se sustentam; e estão obrigados a honrar e a servir o Ser de seu Amado, que por nenhum outro ser pode ser aniquilado, nem acusado, nem diminuído, nem aumentado.

304. - Amado, com tua grandeza tornas grandes meus desejos, meus pensamentos e meus esforços; pois és tão grande, que todas as coisas se engrandecem quando em Ti têm lembrança, pensamento e prazer; e a tua grandeza torna miserável tudo quanto é contra teu serviço e obediência.

305. - Eternamente começa, começou e começará meu Amado, e eternamente não começa, nem começou nem começará. E esses começos não são contraditórios no meu Amado, por ser eterno e ser também uno e trino.

306. - Meu Amado é uno e na sua unidade unem-se numa única vontade meus pensamentos e meus amores. E a unidade de meu Amado compreende todas as unidades e todas as pluralidades, e a pluralidade que há no meu Amado compreende também todas as unidades e pluralidades.

307. - Soberano bem é o bem do meu Amado, que é o bem de meu bem; pois meu Amado é o bem sem outro bem e, se não o fosse, meu bem estaria em outro bem soberano. E, já que não é assim, convém que eu empregue nesta vida todo o meu bem em honrar o soberano Bem.

308. - Amado, se gostas de mim, que sou pecador, realmente és piedoso e perdoador. O que gostas é em Ti melhor do que em mim, pois eu saboreio em Ti perdão e amor em maior proporção que a contrição, a dor e o desejo de morrer para louvar-te, que Tu me fazes saborear em mim.

309. - Teu poder, Amado, pode-me salvar pela sua benignidade, piedade e perdão; e pode-me condenar pela justiça e pelas culpas que mereci com meus pecados. Cumpra teu poder a tua sentença em mim, já que, em ambos os casos será perfeita, quer me traga a salvação, quer a condenação.

310. - Amado, tua verdade visita a contrição de meu coração e a água sobe aos meus olhos quando a minha vontade a deseja; e como a tua verdade é suprema, faça subir também a minha vontade até a honra de teus méritos, e descer, até o ódio das minhas faltas.

311. - Jamais foi verdadeiro o que em meu Amado não foi; e é falso o que meu Amado não é, e falso será o que em meu Amado não será. Por isto, necessário é que seja verdade tudo o que será, e foi, e é, se meu Amado lá se encontra; e falso é o que é verdadeiro se meu Amado lá está ausente; sem que haja nisso contradição.

312. O Amado criou e o amigo destruiu. O Amado julgou e o amigo chorou. Refez o Amado e glorificou o amigo. Consumou o Amado a sua obra, e o amigo ficou para sempre na companhia do seu Amado. (27)

313. Pelos caminhos da potência vegetativa, do sentimento, da imaginação, da inteligência e da vontade, procurava o amigo seu amado; e naquelas veredas encontrava o amigo perigos e sofrimentos, padecidos todos por seu amado, que faziam que a sua inteligência e sua vontade se elevassem até Ele, pois o Amado deseja que os que O amam, O entendam e O amem em extremo.

314. Move-se o amigo para o Ser pela perfeição de Seu Amado; e move-se para o não-ser, pelo seu nada. Dado isto, pergunta-se qual dos dois movimentos tem no amigo maior força natural. (28)

315. - Colocaste-me, Amado, entre o meu mal e o teu Bem. Peço-te que do teu lado encontre piedade, misericórdia, paciência, humildade, perdão, ajuda e conforto; e do meu, contrição, perseverança, recordação - com suspiros, lágrimas e prantos - de tua santa paixão.

316. - Amado, que geras meu amor! Se não me ajudas, por que me criaste? E por que sofreste por mim tantas dores e padeceste tão grava paixão? Já que tanto me exaltaste, ajuda-me agora, Amado, a humilhar-me, a lembrar e a aborrecer minhas culpas e fraquezas, para que meus pensamentos possam com maior facilidade elevar-se desejando, honrando e louvando tuas perfeições.

317. - Criaste livre o meu querer, de modo que possa amar tuas perfeições e desprezar tuas riquezas, e assim possa, nessa liberdade, multiplicar teu amor.

318. - Ao fazê-la livre, Amado, colocaste em perigo minha vontade. Peço-te que nesse perigo te lembres de mim, que de minha livre vontade busco a servidão, para louvar tuas honras, e multiplico em meu corpo as dores e os prantos.

319. - Amado, jamais de Ti veio a mim culpa ou defeito, nem pode teu amigo ser fiel sem tua graça e o teu perdão. Posto que o amigo recebeu de Ti tal patrimônio, não o esqueças nas suas tribulações e perigos.

320. - Amado, que num único nome és chamado homem e Deus! Nesse nome, Jesus Cristo, te deseja a minha vontade como homem e como Deus. Se Tu, Amado, tanto honraste teu amigo, sem mérito de sua parte por nomear e querer teu santo nome, por que não honras a tantos outros que, ignorantes, não foram de propósito tão culpáveis com teu santo nome, Jesus Cristo, quando o foi teu amigo?

321. Chorava o amigo e dizia a seu Amado estas palavras: - Amado, jamais foste avaro nem deixaste de ser liberal ao dar o ser ao teu amigo, nem ao refazê-lo pela graça (29), nem ao dar-lhe muitas criaturas para que o servissem. Onde, pois, que Tu, que és a suprema liberdade, fosses avaro em dar ao teu

amigo, lágrimas, pensamentos, cansaços, sabedoria e amores, para honrar tuas virtudes? E por isto, Amado, peço-Te uma longa vida, para poder receber muitos dos dons mencionados.

322. - Amado, se ajudas os justos contra seus mortais inimigos, ajuda também a multiplicar meus pensamentos em desejar tuas riquezas; e se ajudas os injustos a recuperar a justiça, ajuda o teu amigo a sacrificar a sua vontade em teu louvor e o seu corpo, no martírio, em testemunho de amor.

323. - Não existe no meu Amado nenhuma diferença entre a humildade, humilde e humilhado, pois tudo nEle é humildade em pura atualidade. Por isso, o amigo censura o orgulho que deseja levantar até o Amado os que, tendo sido tão beneficiados pela humildade de meu Amado, o orgulhos revestiu de hipocrisia, vanglória e vaidade.

324. A humildade humilhou o Amado diante do amigo pela contrição e, também, pela devoção. E pergunta-se com qual das duas o Amado se humilhou mais intensamente diante do amigo.

325. Dada sua perfeição, o Amado teve misericórdia do amigo e, assim, preocupou-se com suas necessidades. E pergunta-se por qual das duas, sua perfeição ou sua misericórdia, perdoou as culpas de seu amigo.

326. - Nossa Senhora e os anjos e os santos da glória rezavam a meu Amado, e ao lembrar-me do erro em que o mundo por ignorância se encontra, recordei a grande justiça do meu Amado e a grande ingratidão de seus amigos.

327. O amigo fazia subir suas potências pela escada da humanidade, e assim glorificava a natureza divina, e por ela as potências desciam até glorificar a humana natureza de seu Amado.

328. Quanto mais estreitos são os caminhos por onde o amigo vai até o Amado, mais largos são os amores; e onde mais estreitos os amores, mais largos os caminhos. Por isso, de qualquer modo o amigo sofre amores, trabalhos, fraquezas, prazeres e consolações.

329. Saem amores de amores, pensamentos de fraquezas, e lágrimas das debilidades; e entram amores nos amores, pensamentos nas lágrimas e fraquezas nos suspiros. E o Amado olhou o seu amigo, que por seu amor sofre todas estas penas.

330. Os desejos e as lembranças do amigo velavam e faziam romarias e peregrinações às nobrezas do Amado, e imprimiam-se no amigo suas feições e cumulavam sua inteligência de esplendor pelo qual a vontade multiplicava seus amores.

331. Com a sua imaginação o amigo pintava e reproduzia as feições de seu Amado nos seres corporais, com seu entendimento as aprimorava nos seres espirituais, e com a vontade as adorava em todas as criaturas.

332. O amigo comprou um dia de prantos com um dia de pensamentos, e vendeu um dia de amor por outro de sofrimento; e multiplicaram-se seus amores e seus pensamentos.

333. Estava o amigo num país estranho e esqueceu seu Amado, e teve saudades de seu senhor, de sua mulher, seus filhos e seus amigos. Mas voltou a lembrar-se de seu Amado para consolar-se, e assim seu afastamento deixou de trazer-lhe saudades e melancolia.

334. O amigo ouvia as palavras de seu Amado, nas quais seu entendimento O atingia e sua vontade se deleitava. E a memória lembrava-lhe as virtudes e as promessas do Amado.

335. Ouvia como falavam mal de seu Amado e nessa censura sua inteligência via a justiça e a paciência do Amado, pois a justiça castigava os maldizentes e a paciência esperava sua contrição e arrependimento. Por isso pergunta-se na qual das duas o amigo acreditava mais fortemente.

336. Adoeceu o amigo e, a conselho do Amado, dispôs seu testamento. Suas culpas e pecados legou ao arrependimento e à penitência; os deleites temporais, ao desprezo; a seus olhos legou lágrimas e a seu coração suspiros e amores; a seu entendimento deixou as feições de seu Amado; à sua memória a paixão que o Amado sofreu por seu amor e a seus negócios deixou a conversão dos infiéis, que por sua ignorância caminham para a perdição.

337. Sentiu o amigo o perfume das flores e lembrou os fedores do rico, do avaro, do luxurioso e do ignorante orgulhoso. Degustou doçuras e entendeu as amarguras que trazem as posses temporais e a entrada e a saída deste mundo. Sentiu o amigo os prazeres da terra e o entendimento compreendeu a brevidade da passagem deste mundo, e os perduráveis tormentos para os quais são ocasião os agradáveis deleites deste mundo.

338. Padeceu o amigo fome, sede, calor, frio, pobreza, nudez, enfermidade e tribulação; e teria morrido não fosse a recordação de seu Amado, que o curou com a sua esperança e lembrança, com a renúncia deste mundo e o desprezo da censura dos homens.

339. Entre trabalhos e prazeres situam-se o leito do amigo; com prazeres se deitava e o trabalho o despertava. E pergunta-se, qual dos dois está mais próximo do leito do amigo.

340. O amigo adormeceu irado porque temia a maldição dos homens, e acordou com paciência lembrando os louvores de seu Amado. E o amigo se perguntava de quem teve maior vergonha, dos homens ou de seu Amado.

341. Pensava na morte e teve medo, até que se lembrou da cidade de seu Amado, da qual o amor e a morte são entrada e portal.

342. Reclamava a seu Amado das tentações que, todos os dias, vinham submeter seus pensamentos. E o Amado lhe respondeu dizendo que as tentações, sabendo utilizar bem a memória, são ocasião de lembrar-se de Deus e amar suas nobres atenções.

343. O amigo perdeu uma jóia muito querida e ficou desconsolado até que seu Amado lhe perguntou o que lhe parecia mais proveitoso, a jóia que perdera ou a paciência que adquiriu graças à ajuda do seu Amado.

344. O amigo dormia considerando os trabalhos e os obstáculos que se encontram no serviço de seu Amado; e temeu que suas obras viessem fenecer, devido a esses obstáculos. Mas o Amado lhe restituiu a consciência que lhe abriu os olhos para seus próprios méritos e para os poderes de seu Amado.

345. Devia o amigo percorrer um longo caminho, duro e pedregoso, e chegara o tempo de andar por ele e carregar o grande fardo que o amor coloca acima de todos os que O amam. Por isso, o amigo aliviou a sua alma dos pensamentos e dos deleites temporais, para que seu corpo pudesse mais facilmente levar a carga que o amor lhe enviava, e a alma caminhasse por aquelas veredas na companhia do Amado.

346. Diante do amigo falavam um dia mal do seu Amado, sem que o amigo respondesse ou O defendesse. Daí nasceu a seguinte pergunta: - Quem é mais culpado, os homens que menosprezam o Amado, ou o amigo, que com seu silêncio não O defende?

347. Contemplando o amigo seu Amado tornava-se-lhe cada vez mais sutil seu entendimento e mais amorosa a sua vontade. E pergunta-se por qual dos dois se aguça melhor a memória para recordar seu Amado.

348. Com fervor e temor ia a amigo de viagem para honrar seu Amado. O fervor o empurrava, o temor o retinha. Enquanto o amigo assim andava, encontrou os suspiros e as lágrimas que lhe traziam as saudações do seu Amado. E assim se perguntava por qual dos quatro recebia melhor consolo de seu Amado.

349. Olhava-se o amigo como espelho onde pudesse ver seu Amado, e olhava seu Amado, espelho do conhecimento próprio. E perguntou-se a qual desses espelhos seu entendimento estava mais próximo.

350. Teologia e Filosofia, Medicina e Direito encontraram o amigo que lhes perguntou se tinham visto seu Amado. A Teologia chorava, a Filosofia hesitava, a Medicina e o Direito se alegravam. E perguntou-se ao amigo que ia em busca do Amado o que significava cada uma dessas quatro atitudes.

351. Angustiado e choroso andava o amigo buscando seu Amado pelas vias da sensibilidade e as estradas do intelecto. E perguntou-se por qual dos dois caminhos entrou em primeiro lugar e em qual deles mostrou-se o Amado de um modo mais manifesto.

352. No dia do juízo o Amado dirá que se separe a um lado o que neste mundo se recebeu e a outro se separe o que ao mundo se deu, para que se manifeste com quanta força foi amado e qual dos dois dons é mais nobre e em maior quantidade.

353. A vontade do amigo amava-se a si própria e o entendimento lhe perguntou se se tornava mais semelhante a seu Amado ao amar-se ou ao amar seu Amado, já que o seu Amado era maior amante de si mesmo do que de qualquer outra coisa. Por isso, indaga-se qual foi a resposta mais verdadeira que a vontade deu ao entendimento.

354. - Dize, doido de amor: Qual é o maior e mais nobre amor que pode existir numa criatura? - Aquele amor que se identifica com o Criador, pois não há nada, fora o Criador, que possa enriquecer mais a criatura.

355. Estava um dia o amigo em oração e percebeu que seus olhos não choravam. Para poder chorar pensou no dinheiro, nas mulheres, nos filhos, nos banquetes e nas vanglórias e verificou que há muito mais escravos dessas coisas que do seu Amado. E deste modo se encheram de água seus olhos e a sua alma de tristeza e dor.

356. O amigo andava absorto no seu Amado e encontrou pelo caminho diversas pessoas que lhe pediram notícias. Mas como o amigo sentia-se consolado no Amado, disse que não responderia às suas indagações para não afastar-se do seu Amado.

357. Por dentro e por fora estava o amigo revestido de amor e ia à procura de seu Amado. O amor lhe disse: - Onde vais, tu que amas? - Ao encontro do Amado, para que tu sejas maior.

358. - Dize, louco, o que é a entrega a Deus em religião? **(30)** - Limpeza da razão, desejo de morrer para honrar meu Amado e renúncia ao mundo, para não dificultar a contemplação do Amado nem a confissão de suas bondades.

359. - Doido, o que representam esforços, prantos, suspiros, choros, tribulações, perigos para o amigo? - Delícia do Amado. - Por quê? - Para que Ele seja mais amado e o amigo mais recompensado.

360. Indagaram qual era o maior amor, o amor do amigo que por amor vivia ou o do amigo que morria de amor. Disse que era maior o amor do amigo que morria, porque esse amor já não pode ser maior; entretanto, pode ser maior o amor de quem por amor vive.

361. Encontravam-se dois amigos: um deles expunha seu Amado ao outro, que O entendia. E pergunta-se qual dos dois estava mais perto do Amado. Pela resposta, o amigo percebia a manifestação da Trindade.

362. - Dize, louco de amor: Por que te exprimes com tantas sutilezas? - Para que o entendimento se levante até as nobrezas do Amado e para que mais homens O honrem, O amem e O sirvam.

363. Embriagava-se o amigo com um vinho que lhe trazia a recordação, o entendimento e o amor do Amado. Aquele vinho empapava o Amado com os choros e as lágrimas do amigo.

364. O amor aquecia e inflamava o amigo na lembrança de seu Amado, e o Amado o arrefecia com lágrimas e prantos, com o esquecimento dos deleites terrenos e com a renúncia das vaidades. E, assim, cresciam os amores quando o amigo lembrava por Quem suportava as penas, as tribulações, os trabalhos e perseguições que os mundanos lhe infligiam.

365. - Dize, louco de amor: Que coisa é este mundo? - Cárcere dos que amam, dos que servem meu Amado. - E quem os põe na prisão? - Sua consciência, seu amor, seu temor, sua renúncia, sua contrição e a companhia de gente má. E este mundo é trabalho sem galardão, lugar de reparação.

Notas

(1) No capítulo 97 do Llibre d'Evast i Blanquerna se alude ao ermitão aqui mencionado. [Voltar](#).

(2) O protagonista da novela, Blanquerna, fora Papa e renunciara ao papado por motivos pessoais. [Voltar](#).

(3) No pensamento de Lúlio o amor não é uma força cega, nem muito menos um sentimento. O amor tem um norte, segue sempre uma verdade. Ao longo da obra, veremos como o que restava ao amigo, para crescer no amor, era conhecer e amar a cruz de seu Amado. [Voltar](#).

(4) A denominação "Nossa Senhora" popularizou-se a partir dos séculos XII e XIII, principalmente devido a influência de São Bernardo. O ideal de Cavalaria e a poesia dos trovadores medievais conferiram novos matizes à devoção a Nossa Senhora. Cf. Pie Régamey, *Les mejores textos sobre la Virgen María*, Edic. Rialp S. ^a, 1972, págs. 171 e 207. [Voltar](#).

(5) A tradução de Louis Sala-Molins dá a entender que todo amor se alicerça nos deleites deste mundo, o que evidentemente é falso e não corresponde ao pensamento de Lúlio, que afirma que o amor que vive de pensamentos e morre de esquecimentos é apenas aquele que se fundamenta no que ultrapassa os deleites deste mundo. [Voltar](#).

(6) Pensar em Deus é estar com Deus. Aproximamo-nos e permanecemos em Deus na medida em que pensamos nEle. Cf. S. Theol. I, q.3, a.1, ad.5. [Voltar](#).

(7) A propósito deste ponto diz Iriarte: "No Livro do amigo e do Amado a finura do conteúdo e da expressão alcançam o limite. Far-nos-ia pensar, se não conhecêssemos Lúlio, num homem numa torre de marfim, que cinzela seu estilo como um ourives, mediante a reflexão e o esforço. A técnica da poesia moderna pura poderia ver nele um precursor pela sua habilidade em esconder a idéia num labirinto de flores de palavras ou de jogos musicais, ou quando faz surgir a plenitude da idéia no próprio jogo musical ou labirinto de palavras floridas". Cf. Mauricio de Iriarte, Vida y carácter, Escelicer, S.L., 1955, pág. 76. [Voltar](#).

(8) Metáfora para designar a Encarnação. [Voltar](#).

(9) No original "es mesclaren". Estranhamente, o ponto 44 da edição espanhola de Riquer, Clásicos Univ. Planeta, Barcelona 1985, diz que "se pelearon". [Voltar](#).

(10) Trata-se da concepção da época, que unia a contemplação ao afastamento do mundo. Hoje a Igreja pede a todos os homens que sejam contemplativos. [Voltar](#).

(11) Lúlio entende por coração não apenas a vontade, isto é, a faculdade do amor, o espaço onde se forja o nosso querer e, portanto, o princípio de nossa autodeterminação, mas também a consciência, a faculdade de julgar, pensar e conhecer. Lúlio segue, pois, o salmista que no salmo 32,11 menciona os "pensamentos do coração". [Voltar](#).

(12) Refere-se à Ars Magna, sua mais importante obra de síntese filosófica, onde expõe os princípios que estruturam seu pensamento. Como se vê neste ponto, também essa obra - como quase a totalidade dos escritos de Lúlio - tinha uma finalidade apologética. [Voltar](#).

(13) Nesta passagem Lúlio exorta os cristãos a imitarem os árabes. Não se esqueça, também, que o próprio Blanquerna disse no prólogo do Livro do Amigo e do Amado que o compôs para imitar os místicos árabes. Tudo isso apenas prova o desejo de diminuir as diferenças exteriores que havia entre os cristãos e os muçulmanos que desejava converter. As imitações são de forma, não de fundo. Lúlio combateu os filósofos árabes, sobretudo o averroísmo. Cf. PRO pág. 23 a 25. [Voltar](#).

(14) Entender uma verdade por "razões necessárias" é - de acordo com Lúlio - verificar que não contraria a razão. Assim mesmo, quando pela fé adere-se a uma verdade que não se compreende, é possível demonstrar-se - sem ultrapassar o plano racional, isto é, por "razões necessárias" - que não é

contraditória.

Lúlio nunca pretendeu demonstrar as verdades reveladas ou da fé. Limitou-se a dar suas "razões necessárias", isto é, a demonstrar sua congruência com a razão. Os argumentos que oferece apenas podem ser entendidos como de conveniência.

Neste ponto de meditação Lúlio afirma que a natureza humana é tal que, quando ama aquilo que não entende, deseja, ao menos, compreender que não contraria a inteligência. [Voltar](#).

(15) Mas se deixa de amar a Deus surge a preocupação por outros bens e, com ela, a insegurança íntima e a inveja pela prosperidade e alegria dos outros. [Voltar](#).

(16) Não pensar em Deus e não chorar os próprios erros e as faltas são sinais de que se ama pouco a Deus, mas na maior parte dos casos nos passam despercebidos. O sinal mais gritante de falta de amor a Deus é o coração tornar-se hesitante a respeito dos bens terrenos. [Voltar](#).

(17) São João da Cruz dirá: "Duas naturezas em um só espírito e amor". Ambos seguem a São Paulo quando afirma que "aquele que está unido ao Senhor é um só espírito com Ele" (1Cor 6,17). [Voltar](#).

(18) Quando o amigo procura o seu consolo na companhia das pessoas à margem do Amado - o que fica logo patente no arrefecimento da fluência dos pensamentos de sua vida contemplativa e no encolhimento do espírito de contrição e das ânsias por servir o Amado -, mesmo no meio da multidão, sente-se só. [Voltar](#).

(19) O amor é um fruto que, nascendo no coração do amigo, impregna todas as suas ações. [Voltar](#).

(20) Neste ponto da meditação Lúlio revela sua noção de Deus: um conjunto de perfeições - infinitas, pessoais, eternas e incriadas - identificando-se com a essência divina. Não há a menor diferença entre a essência divina e a Eternidade e assim com relação às outras perfeições. Lúlio afirma claramente nesta passagem que é próprio da essência divina Ser. No livro Art de contemplació Lúlio esclarecerá que em todas as outras realidades distintas de Deus o ser é diferente de sua essência e, por isso, sua natureza os inclina para a corrupção. CFR. PRO 42. [Voltar](#).

(21) "Diferença, concordância, contrariedade." Junto com "começo, meio e fim" e "maioridade, igualdade e minoridade" constituem as três tríades dos princípios relativos do ser e do conhecer na filosofia luliana. [Voltar](#).

(22) No pensamento de Lúlio - junto com toda a tradição alegórica medieval - o universo criado é um sistema de sinais reveladores da realidade trinitária e inefável de Deus. [Voltar](#).

(23) Lúlio, neste e outros pontos, entende, junto com a tradição cristã, a redenção como uma recriação. [Voltar](#).

(24) Deus, segundo Lúlio, atribuiu uma única intenção ou finalidade ao universo, porém deu duas intenções ao homem. Este deve pôr sua primeira intenção em conhecer, amar e servir a Deus, e a segunda no mundo, a fim de possuir os bens necessários para o cumprimento da primeira intenção. A segunda intenção, pois, no homem, está subordinada à primeira. O pecado consiste em pôr a primeira intenção na busca de si e dos bens deste mundo, deixando Deus em segundo lugar. [Voltar](#).

(25) Argumento de conveniência contra o erro árabe-averroísta que afirma a eternidade do mundo. [Voltar](#).

(26) Saúdo, saudação, saúde e santidade, que em português se expressam por palavras diferentes, são em Lúlio: salutació. Tal coincidência procede do latim e persiste ainda em algumas línguas modernas. [Voltar](#).

(27) O termo "refez" tem o sentido de redenção. Cf. a nota 23. [Voltar](#).

(28) A teoria dos dois movimentos é importantíssima na filosofia de Lúlio. Segundo ela, o homem foi situado por Deus entre dois movimentos - um deles deriva do ser, o outro, do nada -, porque pela sua criação passou do nada ao ser. Tudo o que se faz movido conforme a natureza do primeiro movimento é bom. Pelo contrário, movido conforme o segundo é mau. Como o bem esteve no homem antes do mal - pois só caiu em pecado depois de ser criado, e foi criado para fazer o bem -, o bem constitui nele o seu primeiro movimento e, por isso, quando se move para fazer o bem, o faz segundo a sua natureza. Todavia, quando se move para fazer o mal, o faz como coisa privada de ser, e se move para a deterioração, a destruição e a morte, pois o segundo movimento e o nada, diz Lúlio, têm naturezas semelhantes. É interessante observar que, séculos antes do existencialismo contemporâneo, a filosofia cristã já apontava no homem uma dimensão de ser-para-o-nada. [Voltar](#).

(29) O termo do autor é "recriar". [Voltar](#).

(30) Entendem-se por "religiões" as ordens religiosas nas quais algumas pessoas, por vocação divina, consagram suas vidas. Nelas, a renúncia ao mundo é um elemento essencial. [Voltar](#).

F I M